

Katia Aparecida da Silva Oliveira  
Nívea Rufino de Oliveira  
Paulo Ricardo Passos Rezende  
(Orgs.)

# O INSÓLITO E O MÁGICO NO COTIDIANO

MICROCONTOS





O INSÓLITO E  
O MÁGICO NO  
COTIDIANO



Katia Aparecida da Silva Oliveira  
Nívea Rufino de Oliveira  
Paulo Ricardo Passos Rezende  
(Orgs.)

# O INSÓLITO E O MÁGICO NO COTIDIANO

MICROCONTOS



Copyright © 2024 by PET Letras - UNIFAL-MG

### **Organização**

Katia Aparecida da Silva Oliveira, Nívea Rufino de Oliveira e Paulo Ricardo Passos Rezende

### **Projeto gráfico e diagramação**

Maisanara Fonseca da Silva

### **Capa**

Luís Otávio Paes Oliveira

### **Ilustrações**

Ana Clara Santos Barboza e Luís Otávio Paes Oliveira

### **Revisão**

Bárbara Rodrigues Prado, Júlia Brazuna de Souza, Lohayne Helena Vieira dos Santos, Nívea Rufino de Oliveira, Paulo Ricardo Passos Rezende e Yasmin Lima Rosa Fernandes Duca

### **Revisão de prova**

Ana Clara Santos Rodrigues e Maisanara Fonseca da Silva

Dados Internacionais de Catalogação-na-Publicação (CIP)  
Sistema de Bibliotecas da Universidade Federal de Alfenas  
Campus Sede

O insólito e o mágico no cotidiano: microcontos / Organização: Katia Aparecida da Silva Oliveira, Nívea Rufino de Oliveira e Paulo Ricardo Passos Rezende. – Alfenas, MG: Edição do autor, 2024.  
204 p.: il. -

ISBN: 978-65-01-07752-9 (E-book)  
Programa de Educação Tutorial (PET)  
Vários autores.  
Bibliografia.

1.Literatura. 2. Contos. I. Oliveira, Katia Aparecida da Silva. (org.).  
II. Oliveira, Nívea Rufino de (org.). III Rezende, Paulo Ricardo Passos. (org.).

CDD-808.8

Ficha Catalográfica elaborada por Marlom Cesar da Silva  
Bibliotecário-Documentalista CRB6/2735

Universidade Federal de Alfenas – UNIFAL-MG  
R. Gabriel Monteiro da Silva, 700 – Centro, Alfenas – MG.

## **Concurso Literário *O Insólito e o Mágico no Cotidiano***

### **Comissão avaliadora**

Dra. Carla Leila Oliveira Campos	Bárbara Rodrigues Prado
Dr. Celso Ferrarezi Júnior	Beatriz Ferreira Soares
Dra. Daniela Silva de Freitas	Bruna Aparecida Dias Oliveira
Dra. Elíria Quaresma Fugazza	Bruna dos Santos Caetano
Dr. Fábio Paifer Cairolli	Eberton Lopes de Aquino
Dra. Helen de Oliveira Faria	Emily Souza de Siqueira
Dra. Juliana Pimenta Attie	Fabício José da Silva
Dra. Katia Aparecida da Silva Oliveira	Gabrielly Araújo
Dra. Letícia Santana Gomes	Júlia Brazuna de Souza
Dr. Luciano Marcos Dias Cavalcanti	Lohayne Helena Vieira dos Santos
Dra. Maria Clara Pivato Biajoli	Luara Ordine Rodrigues Dattola
Dra. Sheila Oliveira Lima	Luís Otávio Paes Oliveira
Dra. Taíse Simioni	Maisanara Fonseca da Silva
Dra. Vanessa Cristina Giroto Nery	Maria Eduarda Faraco Ávila e Silva
Dr. Wellington Ferreira Lima	Nívea Rufino de Oliveira
Ms. Jacqueline Lopes	Patricia de Oliveira
Ms. Jozyclécio Mégda	Paulo Ricardo Passos Rezende
Ms. Nataly Rafele Ternero	Rodrigo Sansana Diogo
Ana Beatriz Mamede Franco de Araújo	Thamara Reis
Ana Clara Santos Barboza	Yara Maria Becker dos Reis
Ana Clara Santos Rodrigues	Yasmin Lima Rosa Fernandes Duca

### **Comunicação**

Bárbara Rodrigues Prado, Beatriz Ferreira Soares, Bruna Aparecida Dias Oliveira, Emily Souza de Siqueira, Lohayne Helena Vieira dos Santos, Luara Ordine Rodrigues Dattola, Maisanara Fonseca da Silva e Yasmin Lima Rosa Fernandes Duca

### **Órgão de fomento**

SESu/MEC por meio do Programa de Educação Tutorial





*"If I had a world of my own, everything would be nonsense. Nothing would be what it is, because everything would be what it isn't. And contrary wise, what is, it wouldn't be. And what it wouldn't be, it would. You see?"*<sup>1</sup>

— *Alice in Wonderland (1951)*

---

<sup>1</sup> Em português: "Se eu tivesse um mundo só meu, ele seria feito só de absurdos. Nada seria o que é, pois tudo seria o que não é. E ao contrário, o que é, não seria. E o que não seria, seria. Não é?"

Em espanhol: "Si tuviera mi propio mundo, todo serían disparates. Nada sería lo que es, porque todo sería lo que no es. Y viceversa, lo que es, no sería. Y lo que no fuera a ser, sería. ¿Lo entiendes?"



## *Agradecimentos*

O PET Letras da UNIFAL-MG agradece a todos os envolvidos na realização do IV Concurso Literário. A construção deste quarto livro não teria acontecido sem a colaboração dos nossos parceiros, que gentilmente aceitaram ajudar na condução do concurso e no aprimoramento do livro. Agradecemos aos ilustradores, Ana Clara Santos Barboza e Luís Otávio Paes Oliveira, externamos nossos agradecimentos pelas belas e delicadas ilustrações que conferem autenticidade à obra.

Reconhecemos todo o trabalho realizado pelos pareceristas que compuseram a Comissão Avaliadora do Concurso Literário "O Insólito e o Mágico no Cotidiano":

Dra. Carla Leila Oliveira Campos  
(UNIFAL-MG)

Dr. Celso Ferrarezi Júnior (UNIFAL-MG)

Dra. Daniela Silva de Freitas (UNIFAL-MG)

Dra. Elíria Quaresma Fugazza (UNIFAL-MG)

Dr. Fábio Paifer Cairolli (UFPR)  
Dra. Helen de Oliveira Faria (UNIFAL-MG)  
Dra. Juliana Pimenta Attie (UNIFAL-MG)  
Dra. Letícia Santana Gomes  
Dr. Luciano Marcos Dias Cavalcanti  
Dra. Maria Clara Pivato Biajoli (UNIFAL-MG)  
Dra. Sheila Oliveira Lima  
Dra. Taíse Simioni (UNIFAL-MG)  
Dra. Vanessa Cristina Giroto Nery  
(UNIFAL-MG)  
Dr. Wellington Ferreira Lima (UNIFAL-MG)  
Ms. Jacqueline Lopes  
Ms. Jozyclécio Mégda  
Ms. Nataly Rafaela Ternero  
Ana Beatriz Mamede Franco de Araújo  
Ana Clara Santos Barboza  
Bruna dos Santos Caetano  
Eberton Lopes de Aquino  
Fabrício José da Silva  
Gabrielly Araújo  
Maria Eduarda Faraco Ávila e Silva  
Patricia de Oliveira  
Rodrigo Sansana Diogo  
Thamara Reis  
Yara Maria Becker dos Reis

O PET Letras da UNIFAL-MG também expressa gratidão a Secretaria de Ensino Superior/MEC por nos conceder os recursos necessários para a realização e publicação deste livro por meio do Programa de Educação Tutorial.



# Sumário

*Apresentação*..... 21

*Brevíssimo comentário sobre microcontos* ..... 29

## *Microcontos Insólitos e Mágicos*

### OS DESTAQUES

Domênico e Aurélio ..... 45

A Existência das Coisas ..... 49

Like nothing on Earth ..... 53

Ofélia Negra..... 55

Luz Guia..... 59

O Sonho da Formiguinha Azul ..... 63

## *Microcontos Insólitos e Mágicos*

A Carpideira..... 67

A magia está no ar ..... 69

Acerca de las recientes conductas espeluznantes  
de mi perro ..... 71

Andar Errado ..... 73

Asombro .....	75
Assonia? .....	77
Confissões de um Justiceiro.....	81
Consequências triviais de um encontro casual... 83	
Crepúsculo da Manhã.....	85
Depois do Pesadelo .....	87
Dervixe .....	89
Despertar.....	91
Dois (in)comuns .....	93
Doña Cuca.....	95
El Despertar de los Mundos .....	97
El León .....	99
El Mundo Real.....	101
El Trayecto .....	105
Emoldurada .....	107
Encanto Soterrado.....	111
Formas e Linhas.....	115
Há sempre urubus no céu .....	117



Iemanjá.....	119
Insone.....	123
Irreal.....	125
Joyas Finas.....	127
Let me tell you about pixie dust.....	129
Lugubris.....	131
Magia sobre Concreto.....	133
Minha Apoteose.....	135
Na trilha das formigas.....	137
O amuleto mágico da mudança.....	139
O Cheiro de Jasmim.....	143
O dinheiro da Lolinha.....	145
O Homem do Carrinho.....	147
O Pote de Ouro.....	149
O Reflexo.....	151
Os devaneios de Regina.....	153
Quando Romeu traçou Sigfrida.....	157
Relíquia Mágica.....	161

Revivificação .....	163
Socioselvageria .....	165
Solidão.....	169
Sozinha.....	171
Sussurros de Dor .....	175
Susurros.....	177
Tintineo al Amanecer .....	181
Veredicto .....	183
Vida de Cobra .....	185

### *Variações de Forma e Tema*

Estrategia de Supervivencia.....	189
Layah's Butterflies .....	191
O poder secreto do Gato de Cheshire.....	195
Você já ouviu o vento antes? .....	197
<i>Palavras Finais</i> .....	201
<i>Sobre os Petianos</i> .....	207
<i>Sobre a Tutora</i> .....	211





# *Apresentação*

*Nívea Rufino de Oliveira*  
*Paulo Ricardo Passos Rezende*

O Programa de Educação Tutorial (PET) é um programa que consiste em proporcionar aos seus participantes, sob orientação de um docente, atividades extracurriculares por meio de oportunidades variadas de crescimento acadêmico, profissional e pessoal, possibilitando assim contato com áreas profissionais relacionadas ao respectivo curso de graduação. Seguindo a tríade Ensino, Pesquisa e Extensão do programa, o PET Letras desenvolve atividades que abarcam não somente os estudantes participantes do programa, mas principalmente toda a comunidade acadêmica e também externa a ela.

A partir disso, o PET Letras tem o prazer de apresentar o IV Livro resultante de seu Concurso Literário. Esse projeto visa oferecer um espaço para novos escritores

compartilharem suas obras, promover a literatura e estimular a formação de leitores. Mediante a este concurso, buscamos estabelecer uma conexão direta entre a escrita e a leitura, proporcionando aos participantes uma imersão na literatura como expressão cultural de suas sociedades.

Durante o processo de submissão, pudemos receber uma quantidade considerável de microcontos, um total de cento e trinta e quatro obras. Dentre estas, vinte e seis foram escritas em espanhol, provenientes de escritores de países como Colômbia, Chile, México, Argentina, Espanha, Peru, Uruguai e Panamá. Também recebemos textos em língua inglesa, contudo, eles foram menos numerosos, apenas três textos, vindos de escritoras de Barbados, Espanha e Filipinas. Já em nossa língua portuguesa, recebemos com grande satisfação cento e seis textos de todas as regiões do Brasil, enviados por pessoas de variadas idades e formações acadêmicas, abrangendo desde estudantes da Educação Básica até doutores. Apesar de não podermos negar o sucesso do IV Concurso

Literário, reconhecemos que houve uma queda significativa no número de textos inscritos quando comparado ao do concurso anterior — que publicou poemas com o tema *Lembranças*. Acreditamos que isso se deve à implementação do gênero microconto, visto que não é tão popular em comparação aos poemas, e também ao tema escolhido, que se mostrou de difícil compreensão para os participantes.

Explicando mais a respeito das escolhas de tema e gênero, para esta edição, decidimos como temática *O Insólito e o Mágico no Cotidiano*, inspirados por *Alice no País das Maravilhas*, de Lewis Carroll. Nessa história, a protagonista vivencia um dia comum até encontrar um coelho que a conduz a um mundo de magia e fantasia, desafiando sua percepção entre sonho e realidade. Desejávamos explorar elementos que fogem da rotina, trazendo o extraordinário para o dia a dia, tal como o que foi experienciado por Alice. Neste concurso literário, houve um desafio para os participantes quando estabelecemos nas regras do concurso um

limite de 200 a 300 palavras por texto para narrar algo mágico e fantástico. Isso se deve ao fato de o gênero selecionado, microconto, ter como característica uma narrativa mais concisa, pouco descritiva, mas que traz algo impactante ao final. A ideia era explorar uma forma de expressão literária menos usual, propagar novas maneiras de escrita e poder incentivar a criação literária.

Nosso processo de seleção das obras presentes neste livro se deu em duas fases de avaliação: a primeira foi uma triagem realizada pelos próprios petianos, sob a orientação da tutora Profa. Dra. Katia Aparecida da Silva Oliveira, em um método em que o microconto foi lido e avaliado duas vezes por petianos diferentes. Nesse caso, buscou-se eliminar os textos que não se encaixavam no gênero microconto ou que não se enquadravam na temática proposta. Quando havia divergências entre as avaliações realizadas nesse primeiro momento, era realizada uma avaliação coletiva nas reuniões semanais dos petianos.

Posteriormente, convidamos professores, tanto da Universidade Federal de Alfenas,



quanto externos à universidade, graduados, mestres e doutores da área de Letras para compor a banca avaliadora do concurso. Nessa segunda etapa, os pareceristas receberam os microcontos aprovados na primeira etapa e analisaram as obras por meio do processo de avaliação duplo-cego por pares (*double blind review*), no qual não conheciam nem os nomes dos autores, nem os dos outros pareceristas. Tal critério nos parece uma regra essencial para que não haja favorecimentos, garantindo uma avaliação justa. Após o parecer crítico dos pareceristas convidados, chegamos aos cinquenta e nove microcontos presentes neste e-book, com isso, podemos afirmar que a participação desses profissionais foi crucial para o êxito do concurso!

A estrutura do livro foi planejada em duas seções distintas: *Microcontos Insólitos e Mágicos* e *Variações de Forma e Tema*. Na primeira, destacamos, na subseção *Os Destaques*, os seis microcontos mais bem avaliados, estabelecendo assim um ranking do primeiro ao sexto lugar. Seguindo a seção *Microcontos Insólitos e Mágicos*, reunimos em

ordem alfabética os textos que, embora não tenham sido classificados entre os melhores, possuem qualidade excepcional para integrar nossa antologia. Por fim, na segunda seção *Variações de Forma e Tema*, apresentamos quatro microcontos de notável qualidade, que, apesar de excederem as regras de extensão e temática, mereceram um lugar especial em nossa obra.

O projeto, sendo gerido integralmente pelos petianos, nos proporciona, por meio do processo de seleção, avaliação e criação do e-book, uma ampla experiência tanto em gestão e promoção cultural e artística, como literária e editorial, pois em cada concurso buscamos difundir a arte e a cultura entre a comunidade, investigamos e apresentamos ao público um gênero literário diferente e, ao utilizarmos as ferramentas de revisão, edição e formatação, conseguimos desenvolver cada vez mais nossas habilidades associadas à prática editorial.

No entanto, no decorrer do processo, enfrentamos algumas dificuldades e elas, claro, também serviram de aprendizado. Como

exemplos, podemos citar, especialmente, a dificuldade de compreensão do tema pelos participantes e a não familiaridade com o gênero microconto. Visando à solução desse problema, pelo menos no âmbito de nossa cidade, Alfenas-MG, realizamos minicursos em escolas locais, na nossa própria universidade, a UNIFAL-MG, e, também, disponibilizamos conteúdo online no YouTube para disseminar o conhecimento sobre o tema e o gênero literário em questão. Esperamos que as dificuldades enfrentadas pelas pessoas que compareceram em nossas iniciativas tenham se convertido em aprendizado e estamos comprometidos a oferecer uma experiência melhor e mais enriquecedora para os escritores participantes e futuros leitores de nosso próximo Concurso Literário.

Concluimos, por meio dessa experiência, que apreciar a realidade é fundamental para reconhecer a essência da nossa existência diária. Valorizar as obras literárias que refletem o cotidiano é não apenas reconhecer sua relevância, mas

também honrar e valorizar a cultura que as produz, respeitando sua singularidade. No entanto, é igualmente importante reconhecer a introdução da magia na literatura como algo peculiar e extraordinário, capaz de enriquecer e transformar o dia a dia de cada indivíduo. As palavras *mágico* e *insólito* trazem em seus significados a representação de algo inexplicável, algo infrequente e anormal que pode nos desafiar e nos forçar a enxergar além da habitualidade. Reconhecer o fantástico é também valorizar uma cultura e saber que pode haver mais uma visão de mundo daquilo que estamos inseridos e acostumados. Também há diversão no que é insólito!

É com imensa alegria que desejamos a você,  
leitor(a), uma excelente experiência  
de leitura!

Desfrute!

# Brevíssimo comentário sobre microcontos

*Katia Aparecida da Silva Oliveira<sup>1</sup>*

*Os minicontos poderiam ser comparados com um iceberg: só se vê uma parte deles, mas as outras nove partes restantes existem, são as que modelam e sustentam o conto, mas estão submersas, não se pode reconhecê-las à primeira vista. (Violeta Rojo, 2009, p. 52, tradução minha)*

*De certa forma, o microconto tem outra dimensão: ele é como uma ligação muito forte através de um furinho de agulha no universo, algo que permite projetar uma imagem de uma realidade situada em outra dimensão. Como se por meio desse furo, dois cones se tocassem nas pontas, um menor, que é o que está escrito no microconto, e outro maior, que é a imaginação a partir da leitura — pois, mais do que contar uma história, um microconto sugere diversas, abrindo possibilidades para cada um completar as imagens, o roteiro, as alternativas de desdobramento. (Carlos Seabra, 2010, p. 01)*

---

<sup>1</sup> Doutora em literatura e professora de Literaturas da Espanha na UNIFAL-MG.

E-mail: [katia.oliveira@unifal-mg.edu.br](mailto:katia.oliveira@unifal-mg.edu.br)

Microconto, miniconto, micro-relato, mini-ficção, micro-ficção, conto hiperbreve... são muitos os nomes dados para um tipo muito especial de produção literária. Os chamados microcontos, que têm recebido cada vez mais atenção nas últimas décadas, podem ser entendidos como uma forma literária marcada pela brevidade, concisão e multiplicidade de sentidos.

Poderíamos dizer que o microconto é um tipo de texto literário que existe em todas as culturas e que, embora tenha se popularizado a partir da segunda metade do século XIX e ganhado mais visibilidade entre os séculos XX e XXI, já existia em um passado mais distante. Howitt-Dring (2011) considera que no Oriente e no Ocidente se produziam micro-relatos séculos antes de sua ascensão recente e, como exemplo, toma os *ketai*, narrativas brevíssimas japonesas descendentes do *haibun*, uma prosa poética breve do século XVIII que tem laços com o *haikai*.

As características principais dos microcontos podem ser resumidas em poucas palavras: concisão, brevidade, intensidade,

narratividade e ficção. Concisão e brevidade são elementos intimamente relacionados, já que só é possível estabelecer a brevidade essencial a esses tipos de relatos, se forem muito concisos. Quanto à intensidade, esta também é alcançada a partir da concisão. Narratividade e ficção, por sua vez, caracterizam os microcontos porque cada um deles conta histórias e se estabelece no campo da ficção (o que não significa serem um tipo de mentira): são criações artísticas, narrativas que, exatamente por isso, são construídas a partir do manejo de diferentes técnicas literárias.

Dessa forma, podemos dizer que os microcontos têm uma óbvia relação com os contos — por serem narrações breves —, mas se distanciam deles por sua brevíssima extensão. Também é por essa limitação espacial e concisão, que muitos críticos vão aproximá-los da poesia, mais especificamente, da prosa poética. Ler um microconto, muitas vezes, mais do que a experiência de leitura de uma narrativa em seus gêneros tradicionalmente conhecidos (romance, conto, novela etc.), é

algo próximo da leitura de um poema, na qual os sentidos do texto são múltiplos, subjetivos e quase uma representação do inefável.

Nota-se como o microconto acaba se mostrando mais complexo do que se poderia imaginar. A supressão de qualquer informação desnecessária, e até mesmo de algumas das necessárias, caso seja possível preencher essas lacunas no processo de leitura, fazem com que esses pequenos relatos sejam desafios para os escritores que se propõem a escrevê-los e se apresentem como enigmas a serem desvendados pelo leitor curioso. Assim, aprofundando um pouco mais a caracterização dos microcontos, Fernando de Valls (2008) comenta que:

O micro-relato é um gênero narrativo breve que conta uma história (e esse princípio é irrenunciável) em que impera a concisão, a elipse, o dinamismo e a sugestão (dado que não pode se valer da continuidade), além da extrema precisão da linguagem, que costuma estar a serviço de uma trama paradoxal e surpreendente. Frequentemente, serve-se da experimentação e se vale da reescrita ou do intertextual; também não deve lhe faltar a ambiguidade, o engenho ou o humor. (VALLS, 2008, p. 20, tradução minha)



O dinamismo apontado por Valls é reconhecível tanto nos formatos em que os microcontos se apresentam, como na constituição de seus sentidos. São textos que mobilizam autor e leitor em um jogo intelectual, que entre uma linguagem precisa e concisa, revela a genialidade de quem os articula. Cada microconto surpreende à sua maneira: humor, cinismo, simbolismos sem fim, e os mais diversos posicionamentos críticos, podem ser percebidos em cada leitura.

Os detalhes contam na constituição dos sentidos desses relatos brevíssimos, do título a cada palavra que os compõe, cada nó dado nessa rede de sentidos é importante. Vemos como a escolha do título, assim, em um texto mínimo, pode definir a leitura que se fará dele,

[...] não só concedendo um significado semântico prévio à leitura do texto, como também, em muitas ocasiões, o micro-relato se transforma em um texto circular cujo final se desentranha precisamente graças ao título. (MATEOS BLANCO, 2020, p. 06, tradução minha)

Tomemos como exemplo o seguinte microconto da escritora brasileira Marina Colasanti:

HISTÓRIA SÓ COM PRINCÍPIO E FIM

Bastou vê-lo a primeira vez para saber que havia chegado seu fim.

(COLASANTI, 1985, p. 82)

Nesse microconto, é possível reconhecer como o título o completa, criando um sentido de ironia que não existiria sem ele. Depois de ler o título *História só com princípio e fim*, o leitor fica instigado a compreender o que significa, afinal, sabe que toda história tem um meio entre o seu princípio e fim. Nesse caso, porém, e aí está a ironia, a expectativa que o leitor tem de encontrar o meio da história é frustrada, pois o início da narrativa, composta por um personagem que encontra outro, se conecta com o fim, um fim ambíguo, já que não sabemos o que finaliza (a vida de um ou do outro personagem? uma ação?). É claro que se poderia conjecturar a respeito dos motivos desse fim ou a que se aplica, mas ainda assim, as hipóteses levantadas seriam anteriores à narrativa do conto.

Sem o título, o texto de Colasanti perderia o jogo de sentidos e conceitos que apresenta: o conto sem o título, no máximo faria o leitor a criar hipóteses para o fim mencionado e para quem se aplica, mas ao adicionar o título, a autora joga com as expectativas que o leitor tem de uma história (com começo, meio e fim) e com a impossibilidade de ver essas expectativas realizadas. O título é tão importante quanto o microconto.

O texto de Colasanti nos permite, também, ver como a concisão e a brevidade atuam nesse tipo de texto: somente o essencial é apresentado e o leitor é chamado a preencher as lacunas que a brevidade deixou. Essa economia narrativa dota o microconto de intensidade e gera uma surpresa ao fim da leitura, algo que geralmente advém desse tipo de literatura. É como diz David Lagmanovich:

Em geral, o micro-relato [...] tem um título significativo, que deve ser computado como elemento praticamente indispensável ao texto. Além disso, costuma começar in medias res, locução com a qual se indica que a primeira ação apresentada não é

necessariamente a ação inicial em sentido cronológico; admite uma variedade de estratégias discursivas em seu breve desenvolvimento, e termina com o final ou arremate que, embora não exija de forma alguma a atônita surpresa do leitor, pelo menos lhe proporciona certa noção de caráter conclusivo, sem se perder em divagações nem em uma espécie de névoa (e menos ainda de trevas) do significado. (LAGMANOVICH, 2009, p. 91, tradução minha)

Uma palavra ou uma frase em um microconto sempre significa muito mais do que o seu sentido literal: há imagens construídas, subtextos e jogos de sentidos que precisam ser desvendados. Assim, é possível dizer que a experiência de leitura de um microconto é muito diferente da de um romance, por exemplo, pois

[...] no romance o leitor tem que decodificar múltiplos signos para chegar a um, enquanto no micro-relato acontece o inverso: a partir de um signo o leitor tem que imaginar múltiplos signos para dar sentido ao primeiro. (RAMÍREZ-FERMÍN, 2020, p. 44, tradução minha)

É o que podemos observar no microconto de Dalton Trevisan:

#### O RONCO

O seu tormento era o ronco do marido. Gorducho, pança no ar, bocarra aberta. E roncava - ralo gorgolejante de pia, um afogado nos estertores do sufoco, sororoca de hiena papuda.

Inútil beliscar, sacudir, ofender. Certo, mudava de posição - e roncava.

Até que, feliz dela, morreu. Para não ficar só, a mulher comprou um lindo buldogue branco e mosqueado. Carantonha amassada de mau pugilista. Garboso na sua majestade bamboleante. Dormia no corredor, ao lado do quarto. Gorducho, pança no ar, bocarra aberta. E roncava. Mais alto que o outro. Para a viúva era suave música, que a embalava em sonhos de vida nova, novos amores. (TREVISAN, 2010, p. 135)

O microconto de Trevisan se inicia *in medias res*: não há uma apresentação da personagem ou qualquer indicação de sua vida, do seu casamento ou do marido, sabe-se, somente, que o ronco do marido atormenta. Essa cena, tão comum na vida dos casais, é a força motriz para a compreensão de algo maior, uma força que vai surgir na

personagem e que, provavelmente, nem ela reconhecia: aí está a surpresa. Com a morte do marido e o conseqüente fim do martírio da esposa, o leitor pode supor o alívio que ela sentiria, mas vê suas expectativas frustradas ao descobrir que a adoção de um buldogue que roncava ainda mais que o falecido marido, a fazia feliz.

Essa felicidade alcançada ao final da narrativa exige reflexão para ser compreendida, afinal, é carregada de ambigüidade: a felicidade da viúva vem do fato de que os roncões do buldogue a faziam recordar o marido? Ou os roncões do buldogue marcavam o fim de uma fase de sua vida — como esposa — e o início de outra? Os roncões do cachorro seriam uma menção cínica ao falecido? Ou depois de tantos anos atormentada pelos roncões do marido a viúva já não conseguia dormir sem esse ruído?

Todas essas possibilidades de leitura podem existir paralelamente e se completar, pois o ser humano é complexo e capaz de sentir emoções contraditórias concomitantemente. O fato é que a falta do

marido e, conseqüentemente, de seus roncos, significariam uma mudança na vida da mulher, mudança que de nenhuma maneira apagaria o passado vivido.

Tanto no microconto de Trevisan, como no de Colasanti, percebemos o quanto o leitor precisa se implicar na leitura para alcançar os possíveis sentidos que o texto veicula. Isto significa que o leitor

deve desenvolver uma série de estratégias dirigidas a compreender essa modalidade textual, tais como a interrelação de espaços de indeterminação, a indiferença ou a associação com outras obras literárias lidas anteriormente. (MATEOS BLANCO, 2020, p. 13, tradução minha)

A brevidade, a concisão e a intensidade dessas pequenas narrativas, junto à presença de um leitor dinâmico, pode revelar uma forma de pensar a arte na contemporaneidade. Seja pela velocidade com que as informações são disponibilizadas atualmente, seja pela urgência na realização das tarefas laborais e cotidianas que definem o novo estilo de vida a que estamos todos sujeitos, o fato é que as narrativas brevíssimas parecem compor um

fazer literário mais adequado para a vida moderna.

Proporcionando uma leitura super-rápida entre tarefas, antes de dormir ou no transporte público, uma leitura de menos de cinco minutos e, às vezes, de segundos, esse tipo de texto permite ao leitor a imediata suspensão da realidade e a fruição artística, podendo retornar a seus afazeres em um instante. Mas embora a sua leitura seja rápida, como se viu, a sua interpretação pode exigir um pouco mais de tempo do leitor, que após o contato com o microconto se ocupa em refletir sobre ele e elaborar a sua interpretação, buscando os sentidos ocultos nas supressões impostas pela concisão, nas ambiguidades ou na ironia, ativamente participando do desafio literário proposto pelas poucas linhas dessas obras.



## Referências

COLASANTI, Marina. História só com princípio e fim. *In*: COLASANTI, Marina. **Zoológico**: Minicontos Fantásticos. Rio de Janeiro: Nórdica, 1975, p.82.

HOWITT-DRING, Holly. Making micro meanings: reading and writing microfiction. **Short Fiction in Theory and Practice**, v. 1, nº 1, 2011, p. 47-68.

LAGMANOVICH, David. El microrrelato hispánico: algunas reiteraciones. **Iberoamericana**, IX, nº 36, 2009, 85-96.

MATEOS BLANCO, Belén. El microrrelato en perspectiva. **Revista Álabe**, nº 22, julio -diciembre 2020, p. 1-22. Disponível em: <https://ojs.ual.es/ojs/index.php/alabe/article/view/7655>. Acesso em 04 maio 2024.

RAMÍREZ-FERMÍN, Gloria Angélica. Aproximación cronológica de las definiciones de la minificción y del microrrelato en Hispanoamérica y una apuesta por una teorización de su historia. **Ogigia**: Revista electrónica de estudios hispánicos, nº27, 2020, p. 29-52. Disponível em: <https://revistas.uva.es/index.php/ogigia/article/view/3940>. Acesso em 04 maio 2024.

ROJO, Violeta. **Breve Manuel (ampliado) para reconocer minicuentos**. Caracas: Equinoccio, 2009.

SEABRA, Carlos. A onda dos microcontos. **Revista Língua Portuguesa**, abril de 2010. Disponível em:

<https://www.escrevendoofuturo.org.br/conteudo/sua-pratica/reflexao-teorica/88/a-onda-dos-microcontos>. Acesso em: 04 maio 2024.

TREVISAN, Dalton. O ronco. *In*: TREVISAN, Dalton. **111 Ais**. Porto Alegre: L&PM Pocket, 2010, p. 135.

VALLS, Fernando. **Soplando vidrio y otros ensayos sobre el microrrelato español**. Madrid: Páginas de Espuma, 2008.

MICROCONTOS  
INSÓLITOS  
E MÁGICOS

OS DESTAQUES



1º LUGAR

## *Domênico e Aurélio*

*Luiz Fernando de Oliveira*<sup>1</sup>

Domênico tinha 327 anos quando morreu: quisera ele ter-se ido no raiar de seus primeiros dias, antes de todos os seus lutos.

Aurélio viu Domênico nascer. Na verdade, ele ajudou a sua mãe, uma jumenta brava, a dar à luz ao amigo que o acompanharia por toda a sua vida.

— ¡Eita, filho de garanhão daquele tamanho, só podia custar pra nascer, esse bichão!

Foi o menino Aurélio quem o batizou, quem cuidou do burrinho recém-nascido, deu a ele bom leite em mamadeira de bico de látex, ensinou-lhe todas as coisas. Diariamente Aurélio levava Domênico com ele à escola,

---

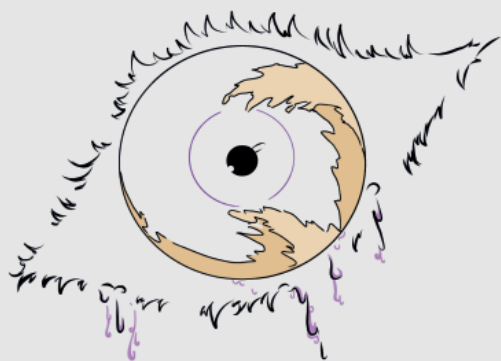
<sup>1</sup> Luiz Fernando de Oliveira, 42 anos, nascido em Lavras-MG, doutor em Educação pela Universidade Federal de Minas Gerais, autor de contos, poemas e crônicas.

sem jamais montá-lo, mas caminhando ao seu lado. Ambos se entendiam como irmãos, na reciprocidade de duas criancices amenas como as esperanças das pessoas jovens. Caminhavam juntos, galgando morros e descendo ladeiras, comendo frutas roubadas de quintais alheios, amando o céu, não importasse a sua cor, se azul matizado por nuvens brancas ou cinza anunciando a chuva que alimenta o chão. Um levava o outro em todos os lugares, do mesmo modo como algumas pessoas levam suas malas e todas carregam as suas dores. ¿Qual forma de viver não é doída?

Na sala de aula, Domênico ficava ao lado do amigo, prestando atenção à professora; no recreio, desajeitado, pulava amarelinha com as outras crianças, que riam e riam de seu charme desengonçado. Ele acompanhou todas as fases da vida de Aurélio, fez-se cúmplice de seus amores, viu o menino-homem crescer, trabalhar, enrugar-se, curva-se sob o peso da vida, perder as forças e despedir-se do mundo.

Foi ele quem levou o falecido amigo de toda a vida ao cemitério, sobre uma carroça de madeira e tristeza.

Domênico sobreviveu quase dois séculos sem o amigo, apreciando feno amargo, e com apenas uma mágoa: a de Aurélio não tê-lo ensinado a chorar.





2º LUGAR

## *A Existência das Coisas*

*Jhonatan Zati*<sup>2</sup>

Naquela manhã, Alberto decidiu abrir mão da tarefa que ele mesmo se impusera: pintar a Terra de vermelho. Vermelho vivo, escarlate, neon. Quase não fosse um trabalho artesanal e meticuloso. Escovou os dentes e observou a palma das mãos manchada, de um avermelhado desbotado, de quem vinha fazendo esse trabalho e não se cansava.

Vinha ficando enjoado daqueles tons vulgares e comuns a que era exposto no trabalho, tons de uma grama verde mal cortada e sorrisos amarelos de quem tinha as mãos até calejadas, mas sem outras cores vivas. Ficava ali, sentado em sua cadeira estofada, um dos poucos confortos que tinha, e assim

---

<sup>2</sup> Jhonatan Zati, 28 anos, nascido em Elói Mendes-MG, egresso de Letras, cursa Mestrado em Educação na UNIFAL-MG e já publicou poemas e crônicas em vários concursos, além de ter um e-book de produção própria.

ouvia e participava de conversas triviais e ordens morosas:

— Bom dia, Alberto. Por favor, acione o ramal 17 e peça ao faz-tudo que venha sondar a máquina de café expresso — ordens como essa a que ele acenava positiva e prontamente.

O café o mantinha de pé, pensava. Mas essas conversas lhe aviltavam, porque o mantinham um passo atrás da sua missão sincera e derradeira: pintar a Terra de vermelho. Era como um chamado de que não desistia, houvesse o que houvesse.

Foi por isso que, absorto, pegou seu celular, discou o número do trabalho e fez o obscuro: pediu demissão, mas, decidiu também, num rompante quase pornográfico, não mais pintar a Terra, pois suas mãos, maçã argentina, já estavam vermelhas o bastante para que a tinta não saísse, não importa o quanto ele se esfregasse.

— Peço as contas. E podem ficar com as tintas — disse.

Depois disso, preparou sua cama para voltar a se deitar, quando se lembrou da questão tantas vezes levantada pela falecida avó:

— Diga, meu neto: quem veio antes,  
o ovo ou a galinha?



3° LUGAR

## *Like nothing on Earth*

*Carolina Ramos*<sup>3</sup>

Her mouth had disappeared. As much as she looked at the mirror, there was nothing but an empty space.

She was completely at sea. So, he left the house and tried to get help. It did not work. Nobody answered; no one was around her. Wherever she looked, the streets were full of dead bodies with erased faces.

“The end has finally arrived” — she thought as she started to run out of breath.

In the reflection of the shop windows, she noticed that her nose had begun to blur. The countdown was on the home straight.

Tired and full of sorrow, she sat down in the middle of the street and looked at the sunset. A thousand tears flowed down her

---

<sup>3</sup> Carolina Ramos, actriz y periodista, ha realizado numerosos textos de teatro y narrativa. Algunos recibieron premios y otros fueron representados, pero todos fueron leídos.

face at the same time as her eyes disappeared. In her mind the memory of a sentence from a film: “I’ve seen things you people wouldn’t believe. All of those moments will be lost in time, like tears in the rain”.



4º LUGAR

## *Ofélia Negra*

*Rogério Luiz de Oliveira*<sup>4</sup>

Há quem cultive amor na solidão e quem acredite que felicidade só existe quando compartilhada. Eu não. Eu já dei boa noite pra televisão, fiz serenata pra cachorrada e batizei minha cafeteira de 110 volts com nome de feminista existencialista... Mas tive curiosidade grande, quase pena, ao ver a costureira preta de minha prima Juvena, a noiva interiorana engravidada.

O nome dela é Maria e a vida inteira fez vestidos de noiva enquanto em seu rosto o tempo cristalizava a infelicidade da solidão.

Um dia me fiz noiva preta por etnografia e procurei Maria, meu estudo de

---

<sup>4</sup> Rogério Luiz de Oliveira, nascido em 17 de maio de 1987, em Unaí-MG, é graduado em Artes Cênicas e cursa mestrado pela UnB. Escreve mais para o teatro, em cena, por meio de improviso e repetição. Escreve ainda poesia e prosa, mas nunca publicou.

caso. Ela me mediu inteira, ombro, braço, punho, pescoço, cintura, quadril, pernas e gavião, e me disse como uma máquina que eu faria muito feliz meu noivo que não existia. Tomei nota depois.

Depois voltei lá vezes mais e na quarta ou na terceira, Maria me vestiu num emaranhado de tecido alvo anilado, engomado e garboso. Nesse dia Maria me espetou um alfinete na prova, me transmitindo seu vírus do sem par. Tão logo a agonia tomou conta de mim. Como comunicada pelas veias, entendi na hora a infecção que tomava meu sangue negro e destino. Louca de tédio corri de Maria, ganhei a rua empacotada num vestido de noiva semiacabado, sob um sol a pino que me deixava com consistência de assombração.

Desci sonâmbula para a boca da ponte, onde pude ver aqueles rostos ribeirinhos que com meu rosto já teve alguma semelhança que perdi na inexpressividade da cidade grande, no cientificismo, no alisamento e falta de sol.

Certa de que seria só e, pior, que sendo só jamais encontraria grandes pazes, tomei o



acesso pro rio, me entreguei às águas, abracei a morte.

Agora, só agora, não sinto medo de ser só. Porque só agora não sinto, porque só agora não sou.



5º LUGAR

## *Luz Cuia*

*Antonius Gerardus Poppelaars*<sup>5</sup>

Eu tomo um remédio para dormir. Tenho medo de voar. O voo de Heathrow para Lisboa ainda suportei. Não vou resistir ao longo voo de Portugal para Recife sem alguma ajudinha química. Estou folheando um livro que comprei em uma empoeirada livraria de Londres. Uma lembrança de uma viagem a Haworth, o vilarejo das irmãs Brontë. Depois de anos economizando meu salário de professor de inglês, este sonho finalmente se realizou.

Uma luz brilhante faz com que eu olhe para o chão, quero guardar o livro na rede da poltrona da frente. Uma foto caiu do livro. Boto a foto carinhosamente no livro e caio num sono profundo.

---

<sup>5</sup> Antonius Gerardus Maria Poppelaars, 52 anos, nascido em Prinsenbeek (Países Baixos), é mestre em Letras pela Universidade Federal da Paraíba. Sua inspiração vem do inesperado na vida cotidiana.

Depois da viagem a Haworth, tive mais dois dias para passear em Londres. Uma chuva puxou-me para uma livraria. Passeei pelas estantes. Uma luz repentina e brilhante feriu meus olhos e me obrigou a olhar para o lado onde vi uma antiga biografia das irmãs Brontë. Peguei o livro. Uma foto caiu do livro. Uma foto minha quando jovem! Atordoado, olhei dentro do livro e encontrei o nome do antigo dono: Linton Gonçalves, meu falecido pai!

Ofegante, mostrei a foto para a vendedora e perguntei de onde vinha esse livro. “Um moço bonito”, disse secamente. “Compramos livros do departamento de achados e perdidos do aeroporto”.

Após pousar em Recife, quero sair do avião o quanto antes. Uma luz brilhante força meu olhar para a rede na poltrona. “O livro! Quase esqueci!”

Em casa, mostro à Anne, minha mãe, o livro e a foto. “Seu pai fez um curso de inglês na Inglaterra há muito tempo. Deve ter perdido o livro, Edgar!” Minha mãe não consegue ler o nome do marido na sala

escura. Quero acender a luz quando um vento uivando abre a janela bruscamemente e ilumina deslumbrantemente a sala.



6° LUGAR

# © *Sonho da Formiguinha Azul*

*Schleiden Nunes Pimenta*<sup>6</sup>

No primeiro raio de sol que atravessou a vidraça da janela e invadiu o seu quarto, o Senhor Ramon pôs o próprio cobertor de lado, puxou as pernas e pisou sobre as suas pantufas. Ele estava com muito sono ainda, como se não tivesse dormido absolutamente nada, e seu corpo implorava para que ele voltasse a descansar. E neste instante, enquanto refletia sobre o que fazer, sentiu a palma dos seus pés, ainda dormentes, a formigar. Esperou por alguns segundos, até que sua mente terminasse de acordar e os seus olhos se abrissem sem se machucar. Quando isso aconteceu, e lhe veio a razão plena, ainda estranhava a demora para

---

<sup>6</sup> Schleiden Nunes Pimenta é de Campo Belo-MG, nascido em 19/01/1989, e é especialista em Filosofia do Direito. Escreve em todos os gêneros literários, sempre em contextos que beiram o realismo mágico e o absurdo.

que aquele formigamento passasse, e, então, preocupado, retornou os pés para cima da cama. Esfregou as remelas dos seus olhos, e ao observar o chão viu uma formiguinha azul, remexendo-se, tentando dormir e se cobrir com os fiapos dos cadarços de um dos seus calçados. O Senhor Ramon, que é gentil até quando acaba de acordar, pediu-lhe desculpas. Depois, cobriu os pés dela, que escapavam para fora do seu pequenino cobertor, e a aconselhou para que: “Não durma de um lado só, formiguinha. Nem pise descalça no chão frio porque os seus pés podem formigar”. Por fim, mandou-lhe um beijo, e voltou a dormir assim que o formigamento resolveu passar.





MICROCONTOS  
INSÓLITOS  
E MÁGICOS



# *A Carpideira*

*Gabriel Lessa de Souza Maia*<sup>7</sup>

Amália, após o hebdomadário escrutínio de forrageamento, ruma à labuta: esperava-lhe um morto de tristeza. Sem melindres, entranha-se no cemitério e, em contubérnio ao funéreo, contempla a rígida e sóbria palidez do enforcado. Precedidas as formalidades venais (foram reclamados — míseros — duzentos reais), inicia-se o teatro de Amália no proscênio da necrópole. Chora, soluça, desmaia, grita, engasga, exaspera, desespera, geme, grunhi: as notas musicais que acompanham a descida do corpo formam um *sui generis* réquiem, uma ode à prostituição dos sentimentos. Entre gritos e anátemas, a carpedeira olhou pela última vez o pescoço do triste enforcado, cortejando

---

<sup>7</sup> Gabriel Lessa de Souza Maia, acadêmico de Medicina da UNIFAL-MG, nasceu em 28 de janeiro de 1999, na capital de Alagoas. Escreveu artigos científicos na área de Medicina Legal, Estética Filosófica (música) e um livro na área de Medicina do Trabalho.

o sulco formado pela corda que por último abraçou-o. Inebriada, sabia Amália que a corda era muito mais familiar ao defunto que toda a sua família, e que a força suplicante que constringiu o pescoço e asfixiou o homem era o destino de todos aqueles que buscam respostas às suas dúvidas ou fugas a seus desesperos. O lento suicídio de todos — nomeado vida — só poderia levar à constatação do absurdo e subsequente desespero, assim concluiu Amália, ainda aos laboriosos prantos. Findo o enterro e satisfeitos os garbosos familiares do triste enforcado, a alcoviteira cheira o dinheiro e conta as notas, salivando a felicidade de mais um trabalho bem executado.

## *A magia está no ar*

*Micael Doria de Andrade*<sup>8</sup>

Todos sempre o admiravam. Vermelho, oxigenado, leve, flutuante, ligeiro e dono do seu próprio céu. Não tocava as nuvens, mas a cada sopro do vento alcançava a imensurável altura além dos pássaros, tornando-se um distinto ponto escarlate na imensidão azul. Ele era mágico, parecia até nariz de palhaço no sorriso de criança.

Eis aquele balão: com toda sua fragilidade e inocência, navegava pelo desconhecido e nunca ariscara aproximar-se daqueles que o contemplavam. Nada o prendia, sua sagacidade, leveza e rapidez eram uma armadura invisível que o protegia de todas possíveis ameaças. Tinha alma de balão: era mágico!

---

<sup>8</sup> Micael Doria de Andrade, 32 anos, nasceu em Tobias Barreto, SE. Estudante de Mestrado na instituição EERP/USP de Ribeirão Preto. Licenciado em Letras Português/Espanhol pela Universidade Tiradentes/SE.

Veza por outra, costumava se deixar levar pelas densas correntes de ar sublimes que contornavam seu corpo, satisfazendo, assim, o desejo de voar. Certo dia, indo e vindo, sem se preocupar com sua direção, percebeu num suscito estalo do tempo que olhos meigos e inocentes o cercavam desde o chão. Logo, interrompendo bruscamente seu passeio aos céus, o carismático balão sentiu seu oxigênio esfriar internamente, e, sem demora, se aqueceu feito sol no verão.

Encorajou-se e num passe de mágica rompeu as nuvens e para um abraço nunca visto antes se lançou. Aquele convite era mágico — dizia para si mesmo!

Segundos depois, ali, o balão vermelho. Estático, contorcido, silenciado. O encanto era inverso e ele fora enganado. Faltou-lhe do ar.

Sem mais contemplar o seu mundo leve, sem voar e navegar entre as nuvens, o balão escarlate, aos poucos, perdia seu brilho e subitamente voltava a seu estado primário: vazio, seco, sem ar. Não podia mais voar. A magia estava no ar.

# *Acercas de las recientes conductas espeluznantes de mi perro*

*Marcelo Arnaldo Medone<sup>9</sup>*

Mi perro Loki siempre fue muy travieso, desde que era un cachorro. A pesar de haber crecido, aún persiste en su manía de morderme las pantuflas, escarbar en los macizos de hortensias y masticar el periódico si no lo recojo a primera hora de la mañana. Siempre sintió una atracción irresistible por el papel impreso.

El domingo pasado, me quedé dormido en mi hamaca del jardín mientras leía una novela de terror que me habían regalado. El sol del otoño suele surtir ese efecto en mi persona, sobre todo cuando estoy cansado y no me atrapa particularmente el contenido de lo que estoy leyendo.

---

<sup>9</sup> Marcelo Medone (Buenos Aires, 22 de octubre de 1961) es médico pediatra, escritor, poeta, ensayista, dramaturgo y guionista, actualmente radicado en Montevideo, Uruguay.

Sea como fuere, cuando desperté me di cuenta de que, el desgraciado había devorado casi por completo el libro que había estado reposando sobre mi regazo, y me miraba con expresión de falsa inocencia mientras relamía su hocico al cual todavía tenía adheridos jirones de papel.

Desde ese día, ante mi estupor, Loki regurgita trozos de carne podrida con dientes de vampiro incrustados, coágulos de sangre semidigerida, bolas de pelo de hombre lobo, uñas de dragón, globos oculares todavía conectados con sus nervios ópticos, astillas chamuscadas de estacas de madera, sapos y escuezos momificados, plumas de cuervos, escamas de serpientes, crucifijos de plata y azufre hirviendo.

Incluso su aspecto ha cambiado: sus ojos están inyectados en sangre, sus colmillos y sus garras han crecido desproporcionadamente y su aliento huele a cadáveres en descomposición. Además, ahora aúlla en un idioma que no reconozco, parecido a una llamada de ultratumba.

He empezado a tenerle miedo a mi perro.



# *Andar Errado*

*Rodrigo Ortiz Vinholo*<sup>10</sup>

Meu cachorro nunca entendeu muito bem como funcionam elevadores. Para ele, os caminhos do apartamento para o saguão ou para a garagem faziam sentido, mas o conceito do transporte entre andares escapava da consciência. Ele enxergava a passagem pelo cômodo com botões apenas como parte da rota para o lado de fora.

Eu sei disso porque, sem falha, se acabássemos parando em um andar errado e a porta fosse aberta, ele avançava para a porta daquele piso que equivalesse à de nosso apartamento e insistiria em entrar, muito me custando convencê-lo que, mesmo com diferenças evidentes no andar, não era ali que vivíamos.

Se algum desses vizinhos abria a porta, ele não hesitava em entrar, mesmo com a

---

<sup>10</sup> Rodrigo Ortiz Vinholo, 35 anos, nascido em São Paulo/SP, formou-se em Comunicação Social na ESPM/SP. Publicou mais de 10 obras solo e participou de mais de 200 antologias literárias.

decoração, os móveis e as pessoas desconhecidas. Mais de uma vez tive confusões com isso e, ainda que nunca tenha gerado grandes problemas, é difícil convencê-lo a voltar para casa.

Hoje, fui eu quem me perdi. Saímos para um passeio, voltamos, tudo normal. O elevador subiu, parou no andar certo e meu cachorro logo avançou para fora e seguiu até minha porta.

Eu ainda estava no começo do corredor quando a porta se abriu e, do outro lado, estava eu mesmo. Esse outro “eu” cumprimentou o cachorro, deixou que ele entrasse e, antes de trancar a porta atrás de si, me encarou por alguns segundos com uma expressão estranha.

Sem entender, experimentei minha chave na porta, e descobri que não funcionava. Toquei a campainha, bati, chamei, e o homem igual a mim ameaçou chamar a segurança. Eu insisti e, dito e feito, fui tirado do prédio, com ameaças de chamarem a polícia.

Não sei como, mas fui para o andar errado. Agora, tem outro alguém sendo eu mesmo e morando onde eu achava que era minha casa.

# Asombro

*Juliana Manrique de Monje*<sup>11</sup>

Hace tiempo en mi colegio, Carmelita una compañera de segundo grado que tenía doce años, se quejaba de dolor en sus rodillas. Sus padres al ser llamados e informados la llevaron al hospital de la capital y el médico concluyó que esos dolores eran normales por el crecimiento rápido de la niña y solo le formuló unos analgésicos, que la niña tomó rigurosamente. Pasado unos meses la niña volvió con los dolores. Un día al levantarse, las piernas no le respondieron por más esfuerzo que hizo. La superiora del colegio la llevó al centro de salud del pueblo, en compañía de Juanita, su amiguita. Allí la atendió un doctor de rostro angelical con unos ojos profundamente azules. Carmelita quedó obnubilada por su belleza. El médico

---

<sup>11</sup> Juliana Manrique, tiene 75 años, nacida en Baraya (Huila). Educadora y escritora. Máster en Escrituras Creativas de la U. Nacional. Autora de los cuentos: *Presagio*, *La partida* y la novela *Noche negra*.

le hablaba, pero la niña no podía pronunciar palabra, sor Margarita era quien respondía por ella. El médico la auscultó, la hizo sentar y aplicó una inyección en cada pierna y Carmelita se quedó profundamente dormida. Al despertar la invitó a ponerse de pie, la niña no quería pues, tenía miedo de caerse. El médico mirándola fijamente la invitó de nuevo. La niña obedeció, se levantó y salió caminando y llegó bien al colegio. Todas la recibimos alegres y asombradas.

Sus padres fueron informados y llegaron al día siguiente, encontraron a su hija mejor que nunca. La jovencita emocionada les contó cómo fue recibida y atendida por el médico. Ellos muy impresionados se fueron al centro de salud con su niña, para agradecer al galeno su gentileza. Al llegar preguntaron por el doctor que, había atendió a su niña el día anterior y la recepcionista les respondió: que cual doctor y cómo así que ayer. Si ayer era miércoles y los miércoles el centro está cerrado.

# Assonia?

*Amanda Berchez*<sup>12</sup>

“Hell is empty and all the devils are here.”

- William Shakespeare, *The Tempest*

A terça-feira tinha sido insana, mas pelo menos a casa tinha ficado laboratorialmente limpa. Deitou pensando que teria de correr nesta quarta. Antes até do abrir de olhos, a percepção de uma dor de cabeça excruciante, seguida da invasão súbita de um pensamento único. Atrasar não é uma opção... De modo algum. Cambaleando rumou para o banheiro. Passo pesado, visão turva. O porcelanato estava contornado por uma sombra alada. Os olhos subindo depressa em aflita busca -- tinha visto um vulto ali? no canto? Não tem tempo para isso. Que seguisse. Mas não seguia só, pressentiu, e estremeceu ao ponderar a escolha.

---

<sup>12</sup> Amanda Berchez, nascida em Alfenas, mestra pela Universidade Estadual de Campinas; graduada em Letras pela Universidade Federal de Alfenas.

Já não reconhecia o cômodo, tampouco o caminho. Ali é *mesmo* o banheiro? Parecia-lhe que espremia... Entre implosão e explosão, o pegajoso. E o desespero opressor. Você, o outro. É que o impositivo *sempre* preenche. Toma conta. E latejava... Porque a injeção de ontem inflamou, e agora pulsava. À dor, associou-se uma essência sulfúrea em drástico poderio do ar. Falhou em lembrar seu nome, mas a frustração por isso ebuliu num sopro, e o que sobrou daí foi um gélido e entorpecente horror. A dilaceração --- uma cabeça...? O vulto, o vulto indiscernível perto de mim! E eu! Eu... eu. Desbeijava. O chão esfacelava pés inquietos, sem ter para onde ir. Não mais lhe restava ser-se, senão purular. Vá dormir. Mas a rebeldia impediu-lhe. Quem-- que é isto que habita o *meu* espelho? Quem pode ajudar? A única coisa que permitiu foi o questionamento derradeiro antes de integralizar-se a matéria. Consciência em revestimento. *Car Je est un autre...*







# *Confissões de um Justiceiro*

*Ademaro de Lamare Neto*<sup>13</sup>

— Se estivéssemos na Idade Média, todos estes psicólogos, psiquiatras, terapeutas e afins seriam queimados vivos em praça pública. Ali, então, verdadeiramente se fazia justiça. Hoje em dia, infelizmente, é tudo muito diferente. Já perdi as esperanças de termos uma legislação menos frouxa e mais democrática. Se tal ocorresse, primeiro seriam torturados e depois condenados à pena de morte na guilhotina ou por enforcamento. Mas alguma coisa tem de ser feita. Nesta classe inútil só existem charlatãos, charlatães ou charlatões. Não importa a grafia. Não estou aqui para ensinar, nem muito menos para aprender português. Se esta fosse a minha intenção, procuraria, é óbvio, o lugar apropriado.

---

<sup>13</sup> Ademaro de Lamare Neto, nascido em 30 de setembro de 1949, é Engenheiro Civil, natural e residente no Rio de Janeiro (RJ).

— Muito bem. O seu tempo acabou. Seu progresso tem sido fantástico. Na próxima sessão prosseguiremos.

— Obrigado Dr. Freud, mas o seu tempo também acabou. Não teremos uma próxima sessão.

“Dr. Eustáquio Freud da Silva, 1973 — 2023, um conceituado psiquiatra de nossa cidade, foi encontrado morto e carbonizado ontem em sua clínica, vítima de um incêndio de grandes proporções. A perícia especializada concluiu que a origem da tragédia foi devido a um curto circuito no sistema de ar condicionado. Ao que tudo indica, pela falta de manutenção adequada”. Esta foi a notícia publicada em uma pequena nota no rodapé dos jornais do dia seguinte.

Peritos, outra raça de incompetentes. Pensei eu com os meus botões.

# *Consequências triviais de um encontro casual*

*Cássio Andrade Fonseca*<sup>14</sup>

Cortem-lhe a cabeça, ordenou a rainha de copas.

Eu não conheço a tal Alice, prestes a perder a cabeça, nem vi as maravilhas de um lugar com tantas tropas, mas acredito que um naco de biscoito me faça encolher e que cresça.

Pois foi o que me aconteceu. Eu tinha seis anos de idade quando um tatu, calmamente, me apareceu (não, não foi um coelho apressado), com um chapuzinho de palha na cabeça, um raminho no canto da boca e um biscoitinho na patinha dianteira: “Qué porvâ?”. Pois provei, e cresci, e gostei de estar vendo tudo de cima. Quando procurei o meu fornecedor, a fim de obter outro biscoito

---

<sup>14</sup> Cássio Andrade Fonseca nasceu em Três Corações-MG, em 07/04/1963. Gradudou-se em Direito e hoje dedica-se mais ao seu desejo de menino, tendo contos publicados em antologias e até finalistas em concursos.

para voltar ao tamanho normal, ele: “Uai, sô! Eu só tinha esse”.

Tive que me acostumar com meu tamanho e as brincadeiras até ficaram mais divertidas. Juntei um monte de terra e pedras e construí uma serra parecendo um baú que, fiquei sabendo depois, deram o nome de Canastra. Também, de farra, represei um curso d’água. Curiosamente este lago passou a servir às demais pessoas, que o nomearam Furnas. De ruim é que, com uma fome proporcional ao meu tamanho, tive que aprender a comer folhas de árvores e beber água represada.

Com o passar dos anos, me tornei adulto e acabei tendo que me mudar, pois minha necessidade de comida e água foram aumentando. As árvores foram acabando, o nível da represa diminuindo, e as pessoas, que até então nunca me haviam dado atenção, passaram a me xingar e humilhar. Quer se encontrar comigo hoje? Então vá até a Amazônia, enquanto ainda dá tempo.

# *Crepúsculo da Manhã*

*Davi Lemos Reis*<sup>15</sup>

No despertar, sem saber se do sonho estava desperto, abriu os olhos sentindo o calor do sol invadindo seu repouso íntimo. Na parede de seu quarto, uma pintura de uma paisagem marítima, que sempre esteve lá, parecia agora agitada, suas ondas dançando com a vida onírica.

Levantou-se, desorientado e caminhou até a cozinha. O aroma de café, forte e convidativo, o envolveu, mas com espanto viu que não tinha uma cafeteira. Olhou para a mesa e lá estava, uma xícara fumegante, como se alguém tivesse acabado de preparar.

Sentou-se e provou o café. Estava perfeito, impossivelmente delicioso, feito de sonhos. Ele olhou para a janela, esperando ver sua rua tranquila e conhecida, mas lá fora

---

<sup>15</sup> Davi Lemos Reis, nascido em Alpinópolis-MG em 03/01/1994, descobriu na literatura um portal para novos mundos. Desde então, tem explorado essas possibilidades por meio da escrita.

viu um campo de flores. Sentiu um frio na espinha, beliscou a própria mão. Sentiu a dor, concluindo que estava acordado.

Decidiu sair, respirar o ar fresco. Quando abriu a porta, a brisa do campo o atingiu, trazendo consigo o perfume das flores. Ele caminhou até o campo, mas descobriu-se no escritório. Sentou a mesa e ligou o monitor, a espera angustiante como alguém à beira do precipício.

A tela apresentou a conhecida imagem da área de trabalho. Sonolento e dormindo, abriu um documento para trabalhar, mas logo uma outra vontade assumiu seus movimentos. Começou a escrever uma história sobre um homem dançando no campo.

Sentia a grama sob os pés, o sol no rosto e o cheiro das flores. Sorriu. Sonho ou realidade, sentia-se em casa.

Terminou a escrita sem fazer o necessário trabalho administrativo. No final, o homem despertava do seu belo sonho.

# Depois do Pesadelo

*Felipe Cerquize*<sup>16</sup>

Acordei no meio da noite, agitado por causa de um pesadelo. Levantei-me da cama e fui até a janela, quando vi a quinta fase da Lua. Sem entender aquela auréola esbranquiçada no céu, peguei o meu celular e liguei atônito para Marta, mas o que escutei foi um locutor de futebol irradiando a decisão da primeira divisão do Campeonato Nacional, entre o Olaria e o XV de Piracicaba, que acontecia no estádio do Bangu. De repente, fez-se um cerrado nevoeiro no céu e o tráfego de bicicletas na rua começou a aumentar rapidamente, em plena madrugada. Pela janela, também pude ver uma mulher que tentava suicidar-se com um segundo tiro na cabeça e um ladrão que devolvia um relógio aparentemente de ouro ao seu dono. Sentei-

---

<sup>16</sup> Felipe Cerquize é engenheiro químico aposentado e nasceu na cidade do Rio de Janeiro, em 5 de julho de 1958. Como melodista e letrista, possui mais de quinhentas obras.

me diante do computador, liguei-o e quis acessar a internet, mas qualquer endereço, que eu tentava, terminava em “page not found”. Então, começou um barulho ensurdecedor no meu quarto e eu sentia as pálpebras pesadas, como se tivesse tomado algum sonífero. O barulho era contínuo e atormentador. Continuava, continuava, continuava, até que ladrões encapuzados, usando biquínis tipo fio dental, arrombaram a porta do meu quarto e eu, finalmente, acordei, de fato e de direito, com o despertador barulhento de um velho relógio de corda, que a minha mãe havia me dado de presente um pouco antes de morrer. Os ladrões encapuzados, usando biquínis tipo fio dental, porém, ainda estavam na minha frente.



# *Dervixe*

*Marcos Antonio Campos*<sup>17</sup>

À semelhança das águas da Baía da Guanabara, brilhava o céu totalmente estrelado do Rio de Janeiro. Se é duvidoso ou inseguro afirmar, nas noites de volúpia, que as cores fortes em tons primários provocam no cérebro humano as mais férteis imaginações, só Van Gogh conseguirá com seu pincel expressar uma linguagem emocional da noite e da natureza com tamanha beleza.

“Havia também o sono” e entre um cochilo e uma esfregada dos olhos, vi algo sobrenatural naquela noite encantada. O Cristo Redentor começou a esticar o corpo em alongamentos e a girar, rodopiando feito um dervixe, com a mão direita para cima e a mão esquerda para baixo como se com esse movimento unisse terra e céu numa mística

---

<sup>17</sup> Marcos Antônio Campos nasceu em Natal em 26/04/1951, é formado em Letras. Membro do IHGRN e da UBE-RN. Contista e poeta, publicou 5 livros e cordéis. Está presente em dezenas de coletâneas.

dança, à semelhança da *A Criação de Adão* que orna a abóbada da Capela Sistina.

É uma beleza e me agrada essa bela rotação sobre a *Noite Estrelada*. O Cristo gira, gira e vai libertando-me “dessa órbita rotineira”. A vida irremediavelmente não é concreta, é mais lúdica, mais lírica como os versos de uma canção otomana.

O rodopiar do corpo provoca a abertura das vestes que, como uma carrapeta vai encantando os olhos. A cabeça do Cristo Redentor pende de lado e ele vai diminuindo o ritmo dos seus passos. Vislumbraram-se os cenários e foram consagrados os luminares da noite.

Eu confesso que perdi o caminho nessa noite luminosa, esfrego os olhos novamente e o Cristo Redentor está lá com a cara sorridente olhando para a lua em seu crescente.

“Garantem os vendedores de ilusão” que Cristo e Maomé nesta noite de rara beleza estavam confabulando sobre as possibilidades do universo e que abriram uma porta e essa porta só não veem os cétricos que tentam calar a voz da razão aos dogmas de suas religiões.

# Despertar

Thiago Carone<sup>18</sup>

A coisa mais inacreditável de todas é que não sabemos mais o que seja verdadeiro. Eu meditava que o insólito consiste na ruptura das fronteiras entre o que pode ser chamado real e o próprio irreal. Um barulho interrompeu as minhas especulações de cunho filosófico, levantei da poltrona e fui correndo até a porta da frente de casa. Alguém batia com insistência. Um rapaz esguio, tirou o chapéu e disse: — Muito prazer, me chamo Franz. — Olhei o sujeito com os olhos arregalados e questionei: — Aquele que se metamorfoseou? E ele respondeu: — Isso mesmo!

Ele me entregou um objeto embrulhado em papel *kraft* marrom. Mas, eu não tinha feito nenhuma encomenda.

---

<sup>18</sup> Thiago Carone nasceu em 30 de outubro de 1988, em Belém do Pará. É professor de Religiões e Filosofia, escritor e músico. Já publicou o livro *Alguma Coisa Acontece* (poesia) e escreve contos, poemas e ensaios. É editor da Aludel Editorial.

Agradei à estranha visita e subi de volta as escadas até o meu quarto. Olhei pela janela do primeiro andar, enquanto ele subia em uma bicicleta que brilhava sob a luz do sol. Observei o objeto que estava em minhas mãos. Não havia sequer nome de remetente, nem logotipo de empresa alguma. Abri o pacote. Lá estava um livro com título em alemão que não consegui identificar. Tinha um castelo na imagem da capa. Admirei o presente. Quando folheei o livro, um papel escorregou entre as páginas.

Era um pequeno envelope. Na frente estava escrito: “*Ao Isidor Kachenco!*” Que estranho, pensei. De quem seria? Nele tinha uma carta em branco com uma única palavra que dizia: “*Aufwachen*”. Olhei em volta e o quarto todo flutuava com móveis enormes. Ouvi passos que mais pareciam um terremoto. A porta se abriu e vi meu pai que parecia um Jotun. Ele gritava e sua voz reverberava em ondas luminosas. Ante aquela visão estarrecedora dei um berro de pavor que me fez acordar encharcado de suor. Nesse dia prometi que nunca mais dormiria embriagado.

## *Dois (in)comuns*

*Nathalie Elias De Pieri*<sup>19</sup>

No meio de uma noite fria, aceitei um convite para acampar em Itirapira, no interior de São Paulo. Após um percurso escuro e deserto, chegamos, os cinco amigos, a um morro, o mais alto da Serra do Itaqueri. Estendemos toalhas no chão, abrimos duas garrafas de vinho e apreciamos a vista. Havia, há metros de distância, apenas um bar fechado e poucas pessoas acampando.

Depois de algumas horas precisamos ir ao banheiro, que não existia. Com muita coragem e um rolo de papel, uma amiga e eu caminhamos para longe da fogueira que havíamos improvisado, chegando a uma distância que deixava as pessoas pequenas diante dos olhos. Apenas com a iluminação da lua, fui a primeira a fazer o que precisava.

---

<sup>19</sup> Nathalie Elias De Pieri, 31 anos, nasceu em Santos-SP, graduada em Filosofia na Pontifícia Universidade Católica de Campinas. Professora, escritora e apaixonada desde a adolescência por literatura.

Em seguida, enquanto minha amiga estava agachada e eu esperava, rindo da situação, virei de costas para a fogueira e avistei, de longe, a silhueta de uma pessoa que, aparentemente, tinha mais coragem, pois estava ainda mais longe.

Além de parecer mais alta do que o comum, tinha uma cabeça bastante estreita e oval. Observando que a criatura estava sozinha e imóvel, passei a olhar com estranheza e decidi me inclinar, como quem leva as mãos até os pés e, surpreendentemente, a silhueta repetiu o meu movimento, ao mesmo tempo.

Assustada, virei o tronco em direção à fogueira e, quase como um espelho, a silhueta também o fez. Nesse momento, minha amiga e eu passamos a caminhar de volta e a criatura, então, passou a caminhar na mesma direção, mas agora parecia ter a sua face voltada para mim. Desviei o olhar e voltei à fogueira. Quando olhei para trás, apenas a escuridão se mostrou presente, sem criaturas ou silhuetas. Não mencionei o que vi, pois uma situação pode ficar muito mais assustadora quando compartilhada.

# Doña Cuca

*Enrique Hernández Vázquez*<sup>20</sup>

Hay 2 cosas que odio del lugar donde vivo: la primera es la cisterna de uno de los vecinos, el motor del mecanismo para guardar agua se enciende cada 10 minutos haciendo un ruido infernal.

La segunda son los gritos de otro de los vecinos, quien por su voz ya debe andar en la cuarta edad, este hombre se la pasa gritándole a su esposa todo el día y parte de la noche:

— ¡CUCA...! — se oye que grita el hombre.

(Entre el motor de la cisterna y los gritos del viejo, no tengo un momento de tranquilidad).

— ¡CUCA, TRÁEME AGUA...! —  
Cuca esto, Cuca lo otro, Cuca para allá, Cuca para acá. El hombre gritándole a su mujer.

---

<sup>20</sup> Enrique Hernández Vázquez nació en la ciudad de Gómez Palacio, Durango, el 4 de noviembre de 1963. Tiene 3 libros de cuentos publicados. Es ingeniero agrónomo.

Y lo que más me sorprende es que la mujer nunca dice nada, aguanta callada los gritos del hombre, a esa señora yo no le conozco la voz. De hecho, a ellos no los conozco, ya que tengo poco viviendo aquí, y nunca salen a la calle. Pero pobre señora, tener que soportar a ese viejo.

Una tarde que regresé del trabajo, me llamó la atención una ambulancia afuera de la casa del viejo gritón, había además, gente arremolinada y llena de azoro. El vecino de la cisterna me comentó que al viejo le había dado un infarto y había muerto.

— Pobre señora se quedó sola — dije.

— ¿Cual señora? — preguntó el vecino.

— Doña Cuca, la esposa del viejo — dije yo.

— Esa señora Cuca que dice usted tiene como 10 años que murió, el viejo vivía solo — aclaró el vecino.



# *El Despertar de los Mundos*

*Jhon Fredy Aguillon Romero*<sup>21</sup>

En mi aposento, experimentaba de nuevo como el insomnio me avasallaba, perdía mi mirar en lo espeso de la oscuridad. En ese transitar de las horas más lúgubres, el miedo infalible abrazaba mi ser. Entre el hórrido contemplar de lo que me acompañaba noche tras noche, dejaba que mis retinas se aferraran a ese destellante salvamento, el cual aparecía de repente, plasmándose en el muro que guardaba tan extraños secretos. La luz crecía cada vez que lo sombrío me perdía en su profundidad. Quizás, era mi delirio el que proyectaba estos acontecimientos, haciendo que se repitieran cada vez que yo quería caer en el sueño profundo. Pese a esto,

---

<sup>21</sup> Jhon Fredy Aguillon Romero, nació el 20 de octubre de 1979. Lugar de origen: Tolima, Colombia. Técnico en joyería. Libros publicados: *El sentenciar de la tenebrosidad* y *El escarmientar sombrío*.

el misticismo me impulsa a su encuentro. Mi cuerpo, a un tembloroso, llega a donde se encuentra esa alucinante luminosidad, la cual se incrustaba como puerta en aquella pared perdida en la negrura de la noche. En el palpar de lo inimaginable me adentro a su mundo a medida que este me absorbe, dejándome ver a los que ya no caminan en el plano terrenal, algunos de ellos hicieron parte de mi vivir. En ese momento entendí, porque ese cálido resplandor apaciguaba lo que me producía esas pavorosas vigiliass. Aunque era reconfortante, sabía que no pertenecía allí. Volteé a mirar mi realidad, alcanzaba a divisar las grisáceas telas que cubrían los vetustos ventanales, cegando a la luna para que mi recinto fuera nido de tenebrosas presencias. Por eso, el cuestionamiento se apoderó de mí, ¿cuál mundo sería mejor? O simplemente debería amar a los dos, para que mi locura no sea notoria.

# El León

Ángel Quispe Atamari<sup>22</sup>

Aunque parezca paradójico, no me gusta ver la televisión. Como verán en la primera ocasión, deshice del último aparato de 24 pulgadas. Se lo regalé a un joven albañil que estaba haciendo mejoras en mi casa. Mientras laboraba me iba contando sobre las penurias que pasaba en casa criando a cinco menores hijos. Por lo que, como un acto solidario, rebusqué en el sótano y encontré muchas cosas que podrían servir a ese esforzado padre.

Días después, mis dos hermanas y mi madre subieron a mi departamento a observar la refacción del baño y la sala. Me felicitaron. Satisfechas aceptaron quedarse a degustar de unos bocadillos que yo había comprado para la ocasión.

---

<sup>22</sup> Ángel Adrián Quispe Atamari, nacido el 2 de agosto de 1955 en Sicuani, Cusco, Perú. Se graduó en Ingeniería Química en la Unsaac Cusco. Entre sus obras destaca *Juanito y la Laguna Azul*, novela corta publicada en edición bilingüe en 2013.

Una semana después, sonó el timbre. Era mi madre que estaba acompañada de un hombre que cargaba un televisor. A partir de esa fecha, observaba la imagen de un león en actitud vigilante. Dicha imagen se hallaba impreso en la caja de led de 32 pulgadas que dejó abandonada el técnico encima de la cómoda.

Una noche soñé que este felino cobraba vida. Lo vi saltar sobre el piso alfombrado. Escudriñó los alrededores con refinada crueldad mientras lanzaba furibundos rugidos. Abrió la enorme boca, y saltó sobre la cama; instintivamente me hice un ovillo y alcancé a cubrirme con las cobijas. De un solo zarpazo quedé al descubierto... Sólo recuerdo que los huesos de mis brazos crujían por el salvaje ataque de la bestia hambrienta.

Al día siguiente, cuando me desperté, estaba ensopado en una masa gelatinosa que cubría gran parte de mi espalda. Me hallaba sumamente debilitado por la pérdida de sangre, y apenas podía moverme. Antes de perder el conocimiento, vi que la imagen del león había desaparecido, y que la única ventana mostraba en su parte media un pavoroso y enorme agujero.

# *El Mundo Real*

*Teodoro Eneas Tenenbaum*<sup>23</sup>

Me desperté sobresaltado a la hora más insospechada. Los tomé por sorpresa, pues no esperaban mi presencia consciente en ese instante. Entonces pude ver cómo en realidad son. No había máscaras ni eufemismos para velar la realidad.

La Luna conspiraba con las estrellas para robar el Sol y los poetas resolvían la hipótesis de Riemann. Los matemáticos respondían componiendo tristes sonetos, mientras los esqueletos del cementerio huían rumbo a un banquete hedonista.

El gato de Schrödinger confesó que jamás ingresó en la caja, pues sabía lo que le esperaba. Los físicos cuánticos no se inmutaron y continuaron pescando en un río

---

<sup>23</sup> Teodoro Eneas Tenenbaum, de 42 años, nacido en Buenos Aires, Argentina, es arquitecto graduado de la Universidad de Buenos Aires. En el ámbito literario, escribe ensayos, cuentos y relatos. Algunos de sus trabajos fueron premiados y publicados en concursos y antologías.

sin respuestas. Un Santo emergió del bosque y reveló que su segundo milagro fue una exageración de las redes sociales. Entonces, el *community manager* exigió respeto y completó su pergamino con tinta de sangre de pato.

Los palmípedos pidieron compensación y los dioses del asfalto le concedieron un bello lago en el medio de las altas torres de cristal. La bocina de una locomotora replicó la *Obertura 1812*. Entonces Tchaikovski llegó en una deshilachada alfombra voladora. Le dije: —¿Estoy soñando?— pero la amenaza de un volcán en erupción lo espantó. Sin embargo, la lava había olvidado su pasaporte y regresó al núcleo del planeta.

Un ingeniero me tocó el hombro y me susurró: —¡Tuve una epifanía! ¡La torre de Pisa está derecha, es el mundo el que está torcido! Un geómetra diminuto salió de mi bolsillo y contraatacó: —Nada tiene forma real, todo es una ilusión—

Le afirmé a mi liliputiense amigo que no lograba descubrir si estaba despierto o si aún dormía. Me observó dubitativo y me

dijo: —Así son todos los días. Solo debes olvidar tu teléfono celular, tu adultez absurda y tus impuestos. Entonces, podrás apreciar la realidad en toda su dimensión—





# *El Trayecto*

*Jorge Cappa Fernández*<sup>24</sup>

Habían pasado ya más de tres horas desde que el tren salió de la estación de Tirso de Molina. Línea 1, dirección Valdecarros.

Un adolescente con una gorra roja seguía sentado en su asiento, inmóvil y completamente absorto, mientras miraba su reflejo en el cristal.

Dos asientos a su izquierda, un señor mayor que llevaba una corbata amarilla golpeaba repetidamente la ventana situada a su espalda.

Enfrente, una chica sacaba de nuevo el teléfono móvil de su mochila para ver si por fin había cobertura. Nada.

Mientras un hombre engominado y con chándal azul continuaba paseando sin descanso de un lado al otro, una mujer con

---

<sup>24</sup> Jorge Cappa Fernández, Madrid, 1979. Licenciado en Sociología. Máster en Gestión Cultural. Escritor. Ha publicado 2 libros de poesía: *Sueños en el aire* (2017) y *Lumbre de marfil* (2022). Más de 100 de sus textos literarios han sido galardonados.

el pelo violeta y gafas de pasta gritaba y pedía auxilio por séptima vez.

Fuera del vagón seguía avanzando el túnel, tan oscuro, tan silencioso, tan monótono.

El mismo túnel que apareció más de tres horas antes y que aún no había desembocado en Antón Martín, la siguiente estación tras Tirso de Molina.

Así fue pasando el tiempo, con la gente tratando de encontrar señal en sus teléfonos, gritando, tratando de accionar el tirador de emergencia, golpeando las ventanas, caminando por el vagón y finalmente quedándose en sus asientos, resignados a esa situación que había unido sus destinos en un trayecto insólito.

Casi diecisiete horas después de ponerse en marcha, el tren comenzó a aminorar progresivamente su velocidad hasta que fue dejando aquel túnel atrás y se detuvo.

Había llegado a la estación. Una estación de metro iluminada, sin nombre y absolutamente vacía. Los pasajeros, quietos y asomados a las ventanas, observaron en silencio cómo las puertas de su vagón, poco a poco, empezaban a abrirse.

# *Emoldurada*

*Rafaela Viana*<sup>25</sup>

Acorda, atordoada, depois de uma agitada noite de sono. Estava no lar da sua infância, uma chuva torrencial a impediu de voltar ao seu apartamento depois de jantar com sua mãe. Ao sair do quarto, encontrou a mãe na cozinha. De súbito, cenas começaram a relampejar em sua mente. Sonhou com aquele momento durante a noite, reconhecia aquelas combinações de roupas, posturas e falas. Sabia que a seguir sua mãe lhe entregaria uma xícara de café. E assim aconteceu.

Quando se encontrou sozinha, buscou na memória os detalhes do sonho, percebeu que faltava uma peça importante naquele quebra-cabeça. Recordou que havia uma criança sentada à mesa, ela estava quieta, mas a expressão do seu rosto falava de tristeza.

---

<sup>25</sup> Rafaela de Souza Viana, 34 anos, nascida em Picuí-PB em 06/10/1988, desde a infância mora em João Pessoa. Graduada em Letras - Espanhol e Português. Mestranda em Letras pela UFPB.

Era uma menina de rosto redondo, cabelos e olhos castanhos, profundos e melancólicos, bochechas e lábios intensamente rosados, parecia que ardia em febre. Para sua estranheza, ao contemplá-la sentia que a conhecia intimamente.

Começou a vagar pela casa, ao chegar à sala deparou-se com a criança olhando-a fixamente. Duas lágrimas deslizavam sobre sua sedosa e febril pele. Ela sempre esteve ali. Aproximou-se devagar. Tocou o contorno do rosto infantil. Foi surpreendida pela calidez que penetra em seus dedos, então os recolheu.

— Filha, onde está o quadro da parede da sala? — Questiona sua mãe ao telefone.

— Esqueci de avisar, trouxe quando voltei para o meu apartamento. Você nunca gostou dele...

— Ah! Ótimo. Só assim sua avó não poderá dizer que dei fim ao presente dela.

Ao finalizar a ligação, pendurou o quadro na parede, afastou-se para examiná-lo. Assentiu para si mesma e sorriu. A chorosa menina que emoldurada a fitava desde a

parede, em cumplicidade, a respondeu com uma piscadela. Assustada, virou-se. No espelho do outro lado da sala, viu refletida a menina-mulher.



# *Encanto Soterrado*

*Evandro Valentim de Melo*<sup>26</sup>

Em pequenino o encantamento é habitual, Josué que o diga, pois caminhava cabisbaixo, não por timidez, queria mesmo era encontrar uma lâmpada encantada, como na saga Aladim e a lâmpada maravilhosa, contada por Sherazade a Shariar.

Pensava: “nem precisava dos três desejos, bastava um só, voar”. Josué se imaginava a cruzar os céus. A potência do bem-estar era pura magia.

O girar da manivela por Chronos fez os verdes anos do menino amadurecerem e o costume de mirar o chão diminuía a cada aniversário. Natural quando se acumulam quilômetros pela estrada afora; a ingenuidade infantil vai sendo soterrada por necessidades mais complexas do cotidiano a se transformar;

---

<sup>26</sup> Evandro Valentim de Melo, 60 anos, nascido em Brasília/DF, é administrador, especialista em gestão de pessoas, mestre em gestão do conhecimento e escritor de 10 livros publicados.

o deslumbramento e o extraordinário com que convivem as crianças tendem a arrefecer.

Na manhã de seu sexagésimo aniversário, Josué acordou cedo. Depois do desjejum prescrito por sua nutricionista, saiu para caminhar, rotina destinada a preservar sua saúde já com algumas avarias.

Josué olhou o céu; lá no alto o vento dava carona a três urubus, que planavam majestosos. A distração o fez chutar uma bela garrafa metálica esquecida por alguém que o antecedeu pela trilha. A beleza das aves e aquela garrafa o remeteram à infância, ao desejo de voar, à lâmpada encantada de Aladim. Incrível energia o invadiu ao resgatar a criança de outrora.

Tentou se agachar para pegar a garrafa e esfregá-la. Quem sabe... A hérnia de disco que o atormentava há anos o desencorajou. Disse a seus botões “se fosse apenas um pedido, eu hesitaria... Voar ou uma coluna vertebral novinha”.

O lampejo de entusiasmo provocado pela recordação de época tão longínqua, foi igualmente esquecido ao chão, junto à



bela garrafa metálica. Josué, simplesmente, retomou a caminhada como se nada de inusitado houvesse acontecido.

Jamais saberá se havia um gênio naquela garrafa...



# *Formas e Linhas*

*Mariana Elisa da Silva Terra*<sup>27</sup>

Um dia foi possível ler naqueles olhos, na beirada de suas linhas, na alma daquelas formas, em todos os trejeitos de sua metamorfose; contudo, não mais. Era quieta diante do tempo que se passava. Não demonstrava qualquer sinal de luta, mas nunca fraquejava. Via-se a alma crescida de uma criança que tinha alcançado o mais alto que podia chegar.

Frequentemente se olhava e pensava em qual forma se consumaria. Seria um semicírculo sem sua metade? Um grande anel sem compromisso? Não se reconhecia em meio ao breu.

A assombrosa penumbra impedia sua visão com seu véu. Nada podia ver antes que um fio de luz a atravessasse. Mas por que tudo

---

<sup>27</sup> Mariana Elisa da Silva Terra nasceu em Alterosa-MG, em 19 de julho de 2003. É formada em Produção Multimídia pela FEBASP e atualmente cursa Letras - Línguas Estrangeiras na UNIFAL de Alfenas.

parecia tão lindo quando não podia ver a si mesma? O cosmos parecia tão brilhante. O fulgor de um astro distante a acariciou por um instante. Com sua alma celeste, sorriu enquanto vislumbrava o véu que se esvaía lentamente.

Levantou seus olhos, que já tinham forma, esticou os braços que já tinham traços e abriu os lábios que já tinham linhas. Não havia algo mais lindo para os poetas e amantes.

A Lua serena cintilava orgulhosa em nosso céu por mais uma noite. Cheia... Belíssima em todas suas formas, linhas e cicatrizes.

# *Há sempre urubus no céu*

*Lury Hortêncio Costa Morais*<sup>28</sup>

Ana acordou feliz do belo sonho que tivera. Uma grande árvore em um jardim muito verde, seus galhos chegavam ao topo do mundo e lá viviam aves de todos os tipos e cores. Logo, desperta, Ana sorriu ao lembrar da árvore e como ela era alta e tinha um jardim belíssimo, encarou o telhado por um tempo com teias de aranha ali e acolá iluminadas a luz do sol, então levantou num salto que quase a fazia cair, arrumou seus cabelos bem cuidados pela mãe, comeu um delicioso bolo de leite que ainda estava quentinho, arrumou sua mochila e foi em direção à escola. No caminho, olhava o céu distraída e sempre havia pássaros voando nas maiores alturas e se perguntava por que eles voavam tão alto, Ana

---

<sup>28</sup> Lury Hortêncio Costa Morais, 22 anos, nascido em Apodi/RN, estudante de Letras Língua Portuguesa na Universidade do Estado do Rio Grande do Norte.

gostava dos urubus, porque voavam mais alto e sempre estavam no mais profundo céu. Ela encontrou Seu Zé, comerciante do bairro, que estava cabisbaixo em sua cadeira em frente à mercearia. Ele contou a Ana que também teve um sonho, mas que era triste porque raposas selvagens destruíram suas plantinhas que acabara de regar, e a pequena menina contou a Seu Zé que poderia pedir ajuda aos urubus, eles olhavam tudo lá de cima e certamente o ajudariam, ele riu mas concordou com a ideia. No dia seguinte Ana sonhou novamente, estava no imenso jardim, mas dessa vez era um pequeno brotinho saindo do solo que ela admirava. Sabia que fora plantado pelo comerciante. Logo ela despertou, levantou, quase caiu, arrumou os cabelos, comeu, arrumou a mochila e saiu. No caminho encontrou Seu Zé com uma caixa de frutas levantada acima da cabeça à espera das aves, ambos tiveram a mesma ideia, criar um plano e escapar da raposa cruel, porque sabiam que há sempre urubus no céu.

# Femanjá

Mónica Couto Rial<sup>29</sup>

Después de tanto postergarlo, este dos de febrero asistí a su fiesta. Asistí desde la última dársena oeste.

La playa era el escenario. Un desplegado abanico de seres vivos. Perros que vagaban por la orilla ajenos a la consagración de la diosa de la fertilidad. Niños que jugaban a explorar las olas calmas. Adultos que ejecutaban su sincretismo salino.

Algunos jugaban el rol de espectadores de la búsqueda del milagro. De esa sensación de pedirle la misericordia de la paz al río para que una treintena de palomas se posen a nuestro alrededor sugiriendo que algún día el plexo solar de los hombres, energía de Marte,

---

<sup>29</sup> Mónica Couto Rial: licenciada en Letras. Es docente de Literatura e imparte talleres literarios diseñados para adultos mayores. Ha publicado *El conjuro de la melancolía* (2017), *Oráculo de incertidumbres* (2019) e *Infusiones del tiempo* (2020).

dejará de luchar por un poder que deviene irremisible derrota a la humanidad.

Otros jugaban a la pelota ajenos a cualquier manifestación que no fuera el disfrute del cuerpo en movimiento, el sudor bien ganado en el pan de un compartir lúdico.

Pero la mayoría, los devotos de la divinidad yoruba, transmutaban el lugar en un jolgorio santificado y santificante.

Una pareja, hombre y mujer, enviaron un símbolo de batel al horizonte. Contenía flores, perfumes e íconos de joyas para pedir la fortaleza en su hogar.

Otra pareja, hombre y hombre, depositaban en el agua su ofrenda de frutas. Después del saludo ritual se fueron tomados de la mano pensando seguramente en el milagro de la igualdad. Pensamiento mágico, si los hay.

Sacerdotes y sacerdotisas sacralizaban la ceremonia del pedido de abundancia entregando sus ampulosos cuerpos.

Me aposté en una fila donde una *mae* imponente exorcizaba las miserias. Cuando me llegó el turno, me miró a los ojos y me



preguntó mi nombre. Di el que me hubiera gustado se me otorgara en otra dimensión. Sentí que el chasqueo de sus dedos me reconfortaba, robando un poquito de aquella fe ajena.



# *fnstone*

*Diego Rodrigues*<sup>30</sup>

Quando deitei na cama, sabia que dormiria naquela noite. Tudo culminou nisso. O tempo, a cama, meu cansaço. Me ajeitei e fechei os olhos. Senti meu corpo relaxar, minha consciência vacilar, o som do vento e da chuva criavam o ambiente. Sabia que dormiria naquela noite, exceto que o elevador parou em meu andar.

Com passos pesados e cansados, a pessoa cruzou o corredor, e abriu a porta do apartamento ao lado. Deu boa noite à esposa, e ela não se deu o trabalho de responder, Deus como as paredes são finas. Deveria ter ouvido minha mãe, e procurado por mais tempo um apartamento melhor, com vista melhor, paredes mais grossas, mais espaço. Contudo, queria sair daquela casa o mais rápido possível, viver

---

<sup>30</sup> Diego Rodrigues, de São Paulo, nasceu em 12/03/1996, formado no ensino médio, e é a primeira vez mandando um trabalho para concurso.

sozinho o mais rápido possível, e morar perto do centro, para dormir o máximo possível. Assim que fiz as pazes com Morfeu, ou seria Hipno, a mulher gritou.

— E quem é Claudia?

Boa pergunta, quem era ela? Quem era essa mulher que me mantinha acordado esta noite, e por que não era a Isabela da semana anterior? Senti minhas sobrancelhas apertarem, mas logo tratei de relaxar, dormiria aquela noite, de qualquer forma. Ignorei o arrastar de mesa, o copo quebrando, os xingamentos, até o disparo, o difícil mesmo de ignorar foi o festival de luzes dançando pelo quarto, e a sirene. Estamos no terceiro andar, como essas coisas atrapalham tanto alguém a dormir. Eu fazia minha parte. A doutora mandou cortar o café, eu cortei o café. A doutora mandou fazer exercícios, eu fazia exercícios. A doutora mandou não usar o celular antes de dormir, eu o deixava na sala carregando. Mas quando ela mandou eu diminuir o estresse, eu ri dela.

Eu ri pois em meu relógio dizia:

“Alarme programado para tocar em 1:48”.

# *Freal*

*Larissa Costa Vieira*<sup>31</sup>

Chamava-nos de vikings por termos participado de batalhas sangrentas, com companheiros e embarcações perdidas, mas voltávamos sempre com a vitória, pelo menos era isso que eu achava...

Minha vida virou uma bagunça quando, em uma trilha, achei uma pequena pedra brilhante, prendendo a minha atenção, e como uma tradicional mineira, tive que colocar a mão, e pasmem, a paisagem a minha volta se distorceu e transformou-se em outro local.

Estava em um barco. Eu estava acorrentada, meu campo de visão era pequeno, só conseguia ver uma sombra humana na parede em minha frente. Então, um colar de esmeralda surgiu também em minha frente e liberou uma luz muito forte, fazendo-me voltar

---

<sup>31</sup> Larissa Costa Vieira, 16 anos, nascida em Itajubá, moradora em Pedralva, estudante do 2º ano do ensino médio na instituição Colégio RH+. Além da sua paixão por livros, a autora ama tocar violão e cantar.

à realidade. Meu coração disparou, coloquei a pedra em meu bolso e fui embora.

Em casa, eu estava exausta, deitei na cama e dormi. Comecei a sonhar que eu estava em um barco, muitos homens me encaravam, estavam nervosos, e no meio deles, havia uma mulher, não conseguia enxergar o seu rosto. Um dos homens me perguntou o que fazer com a detenta, não estendi a situação, então falei para colocá-la no porão do navio. Após essas palavras, um Kraken começou a nos atacar, perdi muitos homens. Gritaram a mim para entrar no porão e, chegando lá, a prisioneira encarava um colar de esmeralda. Então, entreguei a ela, que me segurou com força. Assustada, percebi que a mulher era eu e começou a gritar “volte agora, ou será tarde demais, ACORDE!”, tudo ficou preto.

Quando abri os olhos, minha visão estava embaçada, ouvia muitas vozes, eram enfermeiros, eu estava em um hospital. Disseram-me de uma vez: um ataque cardíaco me deixou em coma por cinco anos. Desligariam meus aparelhos porque não reagi, então percebi: graças a mim, estou viva.

# Foyas Finas

Mariana Kiteber<sup>32</sup>

Si hay algo que detesto más que lavar los platos es limpiar la casa. Mi disgusto llega a tal punto, que limpio cuando las telas de araña van colgando de las paredes al techo.

Debo confesar que solo lo hago porque les tengo miedo a esos horripilantes insectos y porque pareciese que sus tejidos me hablan y me dicen, ¡dale, ya es hora!

Luego de tres horas de limpieza de platos, pisos, muebles y baño, hago una pausa. Respiro hondo muchas veces, recito “Ommmm” y sigo. Ahora viene la parte más tediosa. Las telas y sus arañas.

Esta vez conté cincuenta y siete. Tres en forma orbicular, treinta irregulares y veinticuatro estrelladas. Todo un récord.

---

<sup>32</sup> Mariana Kiteber nació en Buenos Aires en 1981. Realizó cursos con la escritora Graciela Repún. Amante de la literatura fantástica y asidua lectora de toda clase de literatura. Escribió *Última ronda y otros microcuentos* en 2017. Es autora de literatura infantojuvenil.

Cuando terminé, me di cuenta que una de las arañas que había sacado afuera, estaba nuevamente tejiendo una red en el techo, pero esta vez, no era como siempre blanca traslúcida, sino dorada.

Quise sacarla para verla bien, porque el rayo de luz que la bañaba, me hacía creer que era una ilusión óptica. Pero cada vez que me acercaba a la araña, esta recogía recelosa y rápida su tela y se iba más arriba, para que no la pueda agarrar. Eso me molestaba más. Encima que no me gustan para nada estos bichos, una me estaba tomando el pelo.

Cuando llegó al ángulo más alto del techo, imposible de limpiar, solo me dejó con una opción. Fumigar.

Se ve que me entendió, y fue tal su miedo que a los dos minutos, tenía sobre la mesa, una pulsera tejida en un hilo muy fino dorado.

De ahí en más, el resto de las arañas se refugiaban con ella, y yo obtengo a cambio una joya nueva cada vez que la pido.

Lo que más detesto es lavar los platos.



# *Let me tell you about pixie dust*

*Shalom Galve Aranas*<sup>33</sup>

It was Halloween and you chose to be a fairy. You were the prettiest fairy and the TV guys just wanted to interview you because you did not want to look like a fairy, you were a fairy. Blessed with *Ninongs* and *Ninangs* who held the magic wand of the pen and were known to bend their gender and achieve a way of life where fairy dusts were as real as they matter.

It was nighttime. You were tired but wanted to have a last run at the Clubhouse's polo field. I let you run, and you ran so far ahead of me, in the dark, towards the horses. You held a pink wand and ran while I ran after

---

<sup>33</sup> Shalom Galve Aranas was born in Manila, Philippines. She has been published in *Spire Light*, *Enchanted Conversation*, and elsewhere. She was born on January 31, 1971, and attended St. Scholastica's College and De La Salle University.

you unless I lost you in the dark. You ran and your dress shimmered beneath the moonlight. Quick, lightning bright, you ran and I caught you before the horses could stamp you. Do you remember?

Now you are grown, and married the man you love, despite the urgings of someone whom I thought was a fairy, he was in love with you and put a spell, not unlike pixie dust, on you. You married and led a happy life until the spell rained pixie dust on you and you looked back at me, lost in the dark of the polo field. I heard the horses and caught you before the spell or curse could happen. I grew wings and we flew to the skies away from the hooves of horses.

# *Lugubris*

*Tiago Santiago Bustamante*<sup>34</sup>

03/09/2021

Walter sempre foi um garoto muito simpático, sempre que alguém precisasse de algo ele tava lá pra ajudar, seja dando conselhos, emprestando dinheiro, ou até fazendo uma piada para animar a pessoa, porém recentemente as coisas mudaram. Desde o começo do ano ele tem um ser em suas costas. Eu não sei que bicho é aquele, mas tá sempre lá, acho que é isso que tá o deixando corcunda. Ele fica pesando nos ombros do Walt, tem uma aparência horrenda, meio que um morcego, mas sem asas, com quatro pernas e é bem grande, além de ficar sempre repetindo frases ruins, o desmotivando, sempre fazendo ele se sentir horrível. Comecei a chamá-lo de Lugubris. Às vezes, quando

---

<sup>34</sup> Tiago Santiago Bustamante Abreu, 16 anos, nascido em Itajubá-MG, estudante do 2º ano do ensino médio na instituição Colégio RH+.

estou conversando com Walt, o ser começa a falar por ele, tipo quando o chamei pra tomar sorvete e Lugubris respondeu que ele tinha outros planos. A voz dele é fria e ríspida, como se estivesse arranhando um metal. Sempre que ele fala, eu vejo o desespero e a dor nos olhos do meu amigo. Ele já nem parece o mesmo Walter que eu conheci no maternal. Com o passar do tempo, Lugubris foi crescendo e falando cada vez mais. A coluna de Walt nem parece estar mais aguentando o peso do bicho. Eu já pensei em comentar com ele sobre isso, mas eu não sei o que é aquele ser, então como vou discutir sobre ele? E o pior, vai que ele escuta? Eu não quero arriscar. Coitado de Walt, mas eu não sei o que fazer pra ajudar ele. Tenho medo do peso de Lugubris ser demais pra ele e acabar esmagando-o. Espero que esse maldito bicho suma logo, pra que eu finalmente tenha meu amigo de volta.

# *Magia sobre Concreto*

*Kíssila Muzy de Souza Mello*<sup>35</sup>

Concreto. Cinza, frio e duro concreto. Instalado por mãos duras, frias e cinzas, que nem concreto.

Fissuras. Em zigue-zague, pequenas fissuras percorrem toda a extensão do concreto. Prova de que o autor da obra mal sabia o que estava fazendo durante mais um momento de cansaço existencial — ou que o patrão não fez questão de que fosse usado material que prestasse — o fato é que lá estava a fissura denunciando algo além do concreto.

Vento. Rápido, forte, mensageiro. Quanta coisa que o vento carrega numa dança que só percebe quem observa o movimento das folhas nas copas das árvores e o redemoinho próximo ao chão; ou fecha os olhos e a sente em volta do corpo. Algumas

---

<sup>35</sup> Kíssila Muzy de Souza Mello nasceu em 1974, na cidade do Rio de Janeiro, e hoje mora em Nova Friburgo, onde escreve contos, crônicas e poesias. Além de advogada, é revisora de trabalhos acadêmicos e literários.

dessas coisas-mensagens que o vento muda de lugar no mundo são invisíveis aos olhos e podem operar milagres.

Chuva. Não bastasse o sol de meio-dia lascando a pele do homem cinza enquanto ele virava o concreto, no final da tarde veio a chuva forte encharcando tudo. Sorte que o chão já estava firme.

Foi assim que, dias depois, brotou um verdinho musguento, expelido da fissura do concreto, obra coletiva assinada por sol, vento e chuva. Quebrou o cinza, disfarçou a fissura, distraiu o homem do concreto. Mas há quem xingue...

Há quem xingue de mato, que berre “Tem que arrancar tudo logo antes que o cliente veja, meter veneno nessa merda pra nunca mais nascer, e refazer o concreto!”.

Feiura. Não do mosquito en la piedra, que todo milagre só pode ser lindo. O que tem de feio nessa vida é o desprezo pela vida.

# *Minha Apoteose*

*Edweine Loureiro da Silva*<sup>36</sup>

Enquanto eu varria a pista da Marquês de Sapucaí, lembrei-me daquela noite de magia. E, parando de varrer por um instante, cerrei os olhos. Durante alguns segundos, vi-me novamente no desfile. Na segunda fila da Bateria, lá estava eu: um sorridente cangaceiro, cuíca na mão, preparando-me para entrar. A fantasia verde e rosa pesando sobre os ombros, mas a alma leve, leve... E o meu velho coração acelerando ao ritmo da cuíca. Foi quando ouvi de novo o grito:

— Alô, nação mangueirense!...

E, junto com o puxador, a Escola inteira cantava o refrão: “Vou invadir o Nordeste!”. A ala da bateria iniciando a caminhada, saindo da concentração, e eu,

---

<sup>36</sup> Edweine Loureiro da Silva, nascido em 20 de setembro de 1975, em Manaus (Amazonas), é advogado e Mestre em Política Internacional pela Universidade de Osaka (Japão). É autor de dez livros.

sorrindo, os olhos fechados, escutando ao longe as vozes:

— Pobre do Edu!

— Morreu varrendo a rua!

— De repente, fechou os olhos, começou a rodopiar, a vassoura na mão...

— Quando nos demos conta, já havia tombado no chão, sem sentidos...

— Coitado! O seu sonho era desfilar na Mangueira, ele sempre me falava!...

— Pois é! Veja como são as coisas: morreu sem realizar.

Foi quando, abrindo os olhos novamente, vi uma legião de anjos que, vestidos de verde e rosa, preparavam-se para receber-me.

— Vou invadir o Nordeste, seu cabra da peste. Sou Mangueira!



# *Na trilha das formigas*

*William Robert Fraga Ramires*<sup>37</sup>

Daniel desceu do ônibus e seguiu andando para o trabalho, foi quando viu seu tênis desamarrado, parou e se abaixou próximo da parede para amarrar, viu uma trilha de formigas, algumas carregavam folhas e outras coisas, mas o que chamou a atenção foi uma que carregava algo preto com bolinhas vermelhas. Daniel terminou de amarrar seu tênis e olhou de perto, então percebeu que era uma joaninha que seguia na fila das formigas.

Quando a joaninha viu Daniel olhando diretamente para ele, tratou logo de reclamar:

— O que é que você está olhando, nunca viu uma joaninha?

---

<sup>37</sup> William Robert Fraga Ramires, 45 anos, natural de São Caetano do Sul-SP, residente na Chapada Diamantina, Andaraí, Bahia, é formado em Artes Plásticas, na Universidade Federal da Bahia.

Daniel na hora que ouviu aquela voz firme, forte, respondeu, sem pensar direito:

— Achei curioso, nunca tinha visto uma joaninha andando com formigas.

— Nos joaninhas somos livres para andar com quem quisermos, e se você não tivesse me atrapalhado já estaria longe daqui.

— E para onde você vai neste caminho de formigas?

— Estou disfarçando, vi uma frota de libélulas passando por aí, elas comem joaninhas, não formigas.

— Claro, claro, agora entendi, então você está usando a boa vontade das formigas para escapar dos seus predadores, muito bem.

— O pior é você Daniel Almeida, que parou aqui para amarrar seu tênis e agora está enrolando para ir trabalhar, acha que não te conheço; acho bom você acelerar seus passos, finge que não me viu e siga seu caminho.

Daniel que ainda estava abaixado se levantou, e viu que algumas pessoas olhavam para ele, então olhou para o céu e viu as libélulas procurando um alvo; Daniel começou a andar e seguiu seu caminho.

## © *amuleto mágico da mudança*

*Alexandre Neiva de Araujo*<sup>38</sup>

Era uma vez um homem chamado João que vivia em uma cidade comum. Ele acordava cedo, tomava café da manhã, ia trabalhar, almoçava, voltava para casa e passava as noites assistindo televisão antes de dormir. Tudo era muito rotineiro e se sentia cada vez mais desanimado.

Mas um dia, algo insólito aconteceu. Enquanto caminhava para o trabalho, João viu uma faísca de luz piscando em uma esquina. Curioso, se aproximou e encontrou uma loja de artigos mágicos. Ela parecia misteriosa, com uma placa na porta que dizia: “encontre a magia em seu cotidiano”.

---

<sup>38</sup> Alexandre Neiva de Araujo é do Rio de Janeiro, mas reside em Vitória/ES há 10 anos. É graduado em Comunicação Social e Letras. Especialização em Língua Portuguesa e Gestão em EAD. Cursando mestrado em Linguística.

João decidiu entrar e foi recebido por um velho sábio, que se apresentou como o proprietário da loja. O senhor explicou que em todos os dias, a magia está presente. Ele ofereceu a João um objeto mágico que poderia ajudá-lo a encontrar a magia em seu cotidiano.

João escolheu um amuleto que brilhava intensamente e, ao sair da loja, percebeu que tudo ao seu redor havia mudado. As cores pareciam mais vivas e o mundo ao seu redor parecia pulsar com uma energia que antes ele nunca havia notado.

No trabalho, João percebeu coisas incríveis acontecerem. Um colega que antes era rabugento, agora estava sorrindo. O chefe, que sempre foi inflexível, agora parecia mais compreensivo.

À noite, quando João voltou para casa, descobriu que ela tinha se transformado em um lugar aconchegante, com objetos que antes eram comuns e agora pareciam ter vida própria.

João descobriu que a magia estava sempre presente, mas não a notava porque não acreditava nela. Com o amuleto mágico, passou a enxergar o mundo de uma forma

diferente e aprendeu que a magia está em cada momento do cotidiano, basta acreditar. A partir daquele dia, João começou a viver com mais alegria, agradecendo pela magia que agora fazia parte de sua vida.



## © *Cheiro de Jasmim*

*Maria Monda*<sup>39</sup>

Quando minha mãe me abraçou, fiquei surpresa ao descobrir que o cheiro dela não havia mudado. O aroma de jasmim que eu associava aos seus sorrisos permeava seu corpo e tocá-la era como segurar um pedaço de primavera.

Fazia anos que não nos abraçávamos e, enquanto a pele vibrava de emoção, me questionei sobre o porquê tínhamos parado de fazê-lo, esquecendo que aquela falta não dependia de nós.

— Por que demorou tanto para vir até mim? — Perguntei, mas antes que ela pudesse me responder, antes que meu coração explodisse de alegria...

Acordei.

---

<sup>39</sup> Maria Monda, 42 anos, nascida em Nola, Itália, em 17 de fevereiro de 1981, é formada em Letras Clássicas na Università di Napoli Federico II. Entrelaçando palavras, cria seus laços com o mundo.

Recuperei a consciência e a tristeza. Vasculhando na mesa de cabeceira, peguei o celular para verificar as horas. Era tardíssimo!

Embora o alarme estivesse ativo e programado, como de costume, para tocar na hora em que regularmente acordo, naquela manhã ele decidira ficar calado. Ou foi desativado.

Olhei para a prateleira e a foto da minha mãe me sorriu de volta.

— Foi você, não foi? — Murmurei.

Atirei-me da cama e fui buscar a moldura. Abracei-a intensamente. No lugar daqueles pedaços juntos de madeira, eu ainda estava apertando a onírica figura maternal.

— Sinto sua falta. Todos os dias. — E beijei o vidro que protegia sua linda e saudosa imagem.

Antes de deixar o quarto, fui abrir a janela.

Não me surpreendeu descobrir que o ar perfumava de jasmim.



## © *dinheiro da Lolinha*

*Elaine Ribeiro Taveira*<sup>40</sup>

— Menina, quem te deu essas balas?

— Comprei com o dinheiro da Lolinha, mãe.

— Desde quando cachorro tem dinheiro, filha?

— A Lolinha tem.

E não deu tempo de a mãe perguntar mais nada, Nádia saiu correndo pelo quintal para brincar. Ela fez uma nota mental que deveria averiguar isso mais tarde com a ajuda do marido. Já pensou se a garota estava furtando? Deveriam corrigi-la rapidamente. Resolveu continuar com os afazeres domésticos: acabou de lavar a louça, passou as roupas e resolveu lavar a casa da Lolinha por dentro. Quando foi tirar o pequeno colchão, a cachorrinha rosnou. Ela tentou novamente e outra vez

---

<sup>40</sup> Elaine Ribeiro Taveira, 50 anos, nascida em Belo Horizonte, no estado de Minas Gerais, formou-se em Letras na Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras (FAFI-BH).

a cachorrinha rosnou... Jogou um biscoito longe a fim de atraí-la para fora, conseguindo, assim, retirar o colchão. Qual não foi sua surpresa, quando se deparou com um monte de moedas embaixo dele. Comentou toda a história com o marido, ele riu. Lembrou-se de que realmente dava falta de algumas moedas. Chegou à conclusão de que as moedas caíam de seu bolso e Lolinha as apanhava e guardava em sua casinha. Suas calças, que eram de linho, escorregavam muito, deixando os objetos deslizarem do bolso. Após o almoço, ele se deitava para tirar uma soneca. Nesse momento, as moedas provavelmente saíam do bolso e Lolinha apoderava-se delas. Quem diz que é só gente que guarda dinheiro embaixo de colchão?

# © *Homem do Carrinho*

*Fernando Gomes do Nascimento*<sup>41</sup>

Um homem caminhava, com seu carrinho-de-mão. O homem ia descalço pela rua, à noitinha... Cães o seguiam, respeitosos, a certa distância. Em seu carrinho, vísceras se viam, que exalavam um odor estranho e miasmático — as vísceras do homem. Com dignidade, o homem olhava de um para outro lado, e mantinha afastados, à força de seu olhar, os cães mais afoitos. Pessoas passavam, mas sem reparar nas vísceras do homem. Apenas notavam, com desprazer e asco, a densa nuvem de moscas esverdeadas que pairavam, e zumbiam, rebrilhantes e lunares, em torno das vísceras ainda ligadas ao ventre do homem. O homem sorria e chorava, de forma estranhamente silenciosa,

---

<sup>41</sup> Fernando Gomes do Nascimento: carioca, nascido em 28/12/1944. Formado em Pedagogia da Arte. Autor de *Uma Utopia Surreal: Poesias & Contos*, publicado pela Ed. Versejar. Participou da antologia *Um Rio de Contos* e recebeu o Prêmio do Ministério do Turismo.

mas sempre muito composto. Os passantes desviavam-se apressadamente de seu caminho; alguns mudavam rapidamente de calçada, mas atentos ao intenso tráfego. Todos iam na direção oposta à do homem com seu carrinho e dos cães que o seguiam, sempre em procissão, agora silentes e respeitosos. O homem subia a rua com esforço e todos os transeuntes comentavam entre si aquele acinte e mostravam, uns aos outros, seu alívio por não terem que cruzar, no momento exato da trespassagem, com os olhos penetrantes e angustiados do homem do carrinho, felizes e confortados por poderem seguir com suas vidas honestas e respeitantes a Deus.

## © *Pote de Ouro*

*Amanda Kristensen de Camargo*<sup>42</sup>

Tadeu segurou aqueles óculos esquecidos pelo tempo dos que sempre vendo, não percebem.

Estavam sobre uma prateleira ainda mais empoeirada que sua infância em marrom e cinza.

Era a primeira visita que fazia ao quarto do avô morto.

Todos os objetos de valor já haviam sido partilhados entre os filhos e netos, Tadeu era uma exceção: o avô não lhe proporcionara quantia alguma; avisou somente que era sua vontade que o neto ficasse com aqueles óculos.

Antes de jogar fora o que logo lhe pareceu inútil, Tadeu levou aquelas esferas obsoletas aos seus olhos frescos e acostumados à resolução prática da vida e do luto.

---

<sup>42</sup> Amanda Kristensen é doutora em Letras e autora das obras de contos *Entre-Terras* (2020) e *Pelas Frestas* (2022), além da obra infantil *Os Segredos de Vô Trudes* (2022). Seus textos também aparecem em várias antologias em prosa e verso.

Quando entendeu que os olhos de sua noiva eram azul-celeste, experimentou a profundidade da palavra céu.

Quando enxergou o verdadeiro laranja das mangas, entendeu que há gosto e caldo no ver.

Quando lhe visitaram um casal de beija-flores, insistindo em conhecer o amarelo dum girassol recém-comprado à varanda de seu apartamento cinza, Tadeu teve a certeza de que aquelas aves não poderiam ter sido ainda descobertas pelo resto da humanidade — como não estava extinto tamanho mosaico de tons?

Não conseguia compreender por que o avô nunca lhe dera aqueles óculos que lhe fizeram outro. Que havia de tão errado em mostrar que no mundo há traços de éden?

Mas foi no susto da beleza do primeiro arco-íris, que descobriu o motivo do avô: o seu problema nunca foi ser daltônico.

O raso do mundo está nas gentes-daninhas permanecerem cegamente sóbrias num dilúvio de concreto.

# © Reflexo

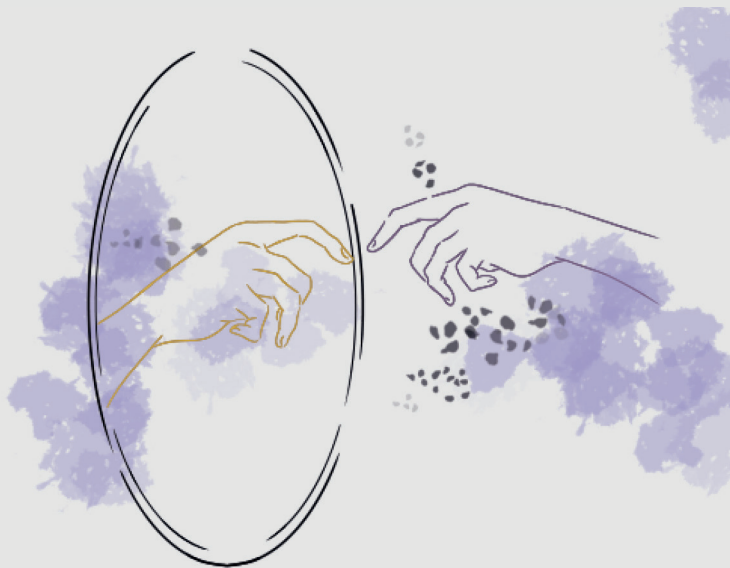
*Gabriel Oliveira dos Santos*<sup>43</sup>

Me peguei observando minha própria imagem refletida no espelho, o vazio e a solidão tomavam conta de mim, uma aparência além do real me chamava fazendo gestos e expressões, toquei a superfície e uma força puxou-me para dentro do espelho, tentei resistir, mas era mais forte do que eu, minha visão escureceu e cai em um sono profundo. Despertei em um espaço vazio e sem forma, era assustador. À minha frente avistei um ser de aparência medonha, sua face estava completamente coberta com um pano. Levantando-me, o ser me conduziu pelo longo caminho, ele mostrou meu passado, decisões e atitudes que refletiram no presente. Uma voz ecoava em minha mente dizendo: “Mude seu presente ou continue preso em

---

<sup>43</sup> Gabriel Oliveira dos Santos, 17 anos, nascido em Alfenas, Minas Gerais, estudante do 3º ano do Ensino Médio na Escola Estadual Padre José Grimminck.

seu pensamento, dominado pela solidão”. Retornei a me encarar no espelho. Pensativo, segui o conselho e decidi rever minhas formas de agir. A vida é feita de ciclos, o hoje é o presente, mas, amanhã, será o passado, o futuro certo não sabemos, mas podemos construí-lo, só precisamos de mudanças. Sabemos que não é fácil alterar ou iniciar um novo ciclo, mas as mudanças são necessárias para que haja a esperança de um futuro melhor e a transformação do nosso “eu”.





# *Os devaneios de Regina*

*Alex Sandro Zucki Francisco*<sup>44</sup>

Regina combatia a insônia inventando histórias. A cada noite, quando as trevas se apoderavam do quarto e a penumbra derramava-se sobre sua mente, um universo oculto se manifestava. A simples evocação de suas tarefas diárias ou a contemplação da rotina ordinária desencadeavam uma espiral de devaneios, e, assim, os minutos se esvaíam enquanto ela permanecia desperta.

E era nas malhas dessas narrativas que ela conseguia transcender a realidade. Dentro desses enredos, Regina concedia a si mesma poderes mágicos além do comum. Voar pelos céus como uma criatura alada, tornar-se invisível para explorar segredos ocultos, ou, com um estalar de dedos, materializar

---

<sup>44</sup> Alex Sandro Zucki Francisco, nasceu em Sapucaia do Sul, no estado do Rio Grande do Sul, em 1977. É formado em Inglês e Engenharia de Produção pela UNISINOS e Pós-Graduado em Gestão de Projetos pela UNINTER.

objetos. Era um contraste gritante em relação à sua existência comum.

Enquanto o mundo real se revelava como um palco regido por tarefas tediosas e obrigações mundanas, dentro das tramas ela se transformava em uma heroína audaz, uma feiticeira com poderes fantásticos ou uma aventureira destemida. Regina rendia-se à magia da imaginação, degustando as emoções e a liberdade que lhe escapavam no dia a dia.

Por vezes, entretanto, contentava-se com meros fingimentos. Fingia ser rica e poderosa, com o mundo a seus pés. Idealizava mansões, carros luxuosos e viagens exóticas. Mas era na versão com poderes mágicos que encontrava o verdadeiro encanto. Naqueles momentos de devaneio, sua mente se abria para possibilidades ilimitadas, onde a imaginação tornava-se sua aliada mais poderosa.

E assim, mesmo na quietude da noite, ela descobria um refúgio da monotonia. Nos fios entrelaçados das suas histórias, ultrapassava o comum e estabelecia conexões com o extraordinário. Os poderes mágicos e insólitos que concebia serviam-lhe como

uma válvula de escape, trazendo um fulgor de encanto para sua jornada noturna.

E quando, por fim, a insônia cedia espaço ao sono, ela despedia-se do seu mundo onírico, aguardando ansiosamente pelo próximo encontro com suas criações.



# Quando Romeu traçou Sigfrida

*Octávio José Pessoa Ferreira*<sup>45</sup>

Foi um pandemônio naquele singelo ambiente quase sempre de muita harmonia. Embora às vezes um pouco barulhento.

Sigfrida, seminua, de olhos arregalados, literalmente estatelada. Sequer podia sentar. E delirava. Um quadro horrendo.

Os circunstantes estavam sensibilizados ante a cena dantesca. Cada um buscava uma explicação para o episódio insólito. Teria sido o desfecho de uma paixão irrefreável? Ou um ato de pura maldade? Cada um buscava uma explicação mais estapafúrdia.

Uma senhora mais intelectualizada e paradoxalmente noveleira profissional sugeriu

---

<sup>45</sup> Octávio José Pessoa Ferreira é natural de Parintins, Amazonas, e reside em Belém do Pará. É graduado em Direito e Jornalismo pela UFPA. Membro da AMALEP - Academia Maçônica de Letras do Estado do Pará e da APJ - Academia Paraense de Jornalismo.

que teria sido uma transgressão literária. O personagem shakespeariano Romeu atravessara os umbrais de Verona, cidade italiana onde ocorre o romance Romeu e Julieta, e caiu numa novela da Globo, Fera Ferida, que tinha um personagem feminino chamado Sigfrida. E, acrescentou, Romeu teria sofrido um curto circuito mental.

A insustentável situação só foi resolvida quando os pais adotivos de Romeu se ajoelharam ante os pais postiços de Sigfrida, pediram mil perdões e se comprometeram a indenizar o prejuízo.

A paz voltou a reinar naquele hotel canino e loja pet. Romeu era um potente pastor alemão que se apaixonou e estraçalhou Sigfrida, a boneca pet do cãozinho da raça Shith Tzu chamado Panetone. Que, impotente, assistiu à destruição de seu brinquedo.







# *Relíquia Mágica*

*Ana Maria Pardino de Lima*<sup>46</sup>

Era 19:30 da noite de uma chuvosa sexta-feira 13. Restava apenas eu no escritório 13, no décimo terceiro andar, aguardando ansiosamente a volta da internet para poder enviar ao meu supervisor ranzinza o relatório contábil da semana. Se eu não fosse capaz, ele disse, tiraria a máquina de expresso do escritório. Ou seja, meus colegas e eu dependíamos da volátil tecnologia de fibra ótica para que o fornecimento do elixir da vigília continuasse.

Sem previsão de quando seria esse momento, resolvi me aproveitar da data cabalística e conquistar minha liberdade através de um ritual antigo. A chuva não enfraquece a magia tal como faz com os frágeis apetrechos da modernidade. Munido

---

<sup>46</sup> Ana Maria Pardino de Lima, 22 anos, nasceu em Belo Horizonte, em 2000. Estudante de Jornalismo pela Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais.

da chave da sala 1313, atravessei o corredor na penumbra.

Destranquei a porta com os dedos dormentes e entrei na sala gelada repleta de misteriosas silhuetas cobertas por lençóis brancos, cujo as forças estão além da compreensão. Entre elas, estava aquela que tinha o poder de a liberdade me restituir, pelo menos até o próximo expediente.

O anseio por minha cama moveu meu corpo temeroso em sua direção. Uma por uma, a besta antiga devorou e cuspiu as malditas páginas que me prendiam ali.

Ao que a última folha caiu aos meus pés, senti o celular vibrando no bolso. O nome do supervisor na tela.

— Que ideia foi essa de enviar o relatório por fax? Deixe o original na minha mesa e vá para casa!

Ritual de invocação jamais foi meu intento, mas considereei bem sucedida a heroica empreitada.

# Revivificação

*Maria Stella Galvão Santos*<sup>47</sup>

Não via o sujeito há um par de meses, mas em algum ponto da férrea armadura que montou às pressas no andaime dos sentimentos, ainda lembrava dos momentos vividos a dois durante quase sete anos. O sétimo ano, marco do amadurecimento neuronal de uma criatura humana, e uma espécie de catarse de relacionamentos baseados na coabitação. Reza uma lenda urbana que casamentos que sobrevivem a este aniversário podem contar com uma sobrevida de razoável a boa. E, embora a convivência dela com ele fosse mais temperada com fel que com mel, havia aquela propensão natural por estar em face de outra criatura. Ela apreciou o casamento como cerimônia, não negava, toda a algaravia da escolha do vestido, maquiagem, acessórios, a confraternização com

---

<sup>47</sup> Maria Stella Galvão Santos é uma jornalista nascida em Acari (RN), em 1962. Obtém especialização na USP em Gestão da Comunicação e um mestrado na PUC em História da Ciência. Possui doutorado em Educação, realizado em parte na UFRN e em parte na Espanha.

alguns poucos amigos. Mas o casamento em si, um pesadelo, uma tortura. Curiosamente o retorno do par havia sido leve, causando pasmo. Ambos sessentões, sobreviventes de outras histórias de casal igualmente árduas, pareciam uns moleques sem lenço nem documento. Ele, antes a representação perfeita e acabada do bebedor de cerveja com sua barriga tonel exposta diante da TV. Ela, agarrada a seus livros e decálogos acadêmicos, alheia aos programas prediletos do homem. E não é que os encontramos em clima de namoro, imersos naquela troca de olhares adoçados por rompantes e transportes românticos? Era uma cena bonita de ver, mas não havia circunstâncias. Ela avistou a mãe à distância, como em um sonho, envolta em nuvens e sons de querubins. Deveria apresentá-lo, ponderou. Queria dar a conhecer o novo homem, imagem repaginada da truculência passada. Mas não alcançou a mãe, dispersa nas brumas do etéreo, um passo evolutivo além. Então lembrou da sentida despedida que acontecera há não mais que duas décadas, entre duas longas fileiras de velas em câmara ardente.

# Socio selvageria

*Arthur de Moura Dantas*<sup>48</sup>

São seis da manhã, e um senhor cata latinhas na beira da avenida. As latinhas, tão amassadas, enchem um enorme saco negro, tão negro que quase se confunde com o lombo que o carrega. Um cão também está à beira da avenida. Amarelo, embora branco, todos o chamam de Neguinho. Mãos cascudas, pingando cerveja envelhecida e água de chuva, afagam docilmente o animal, que as lambe. As latinhas acabam, e o saco ergue o homem.

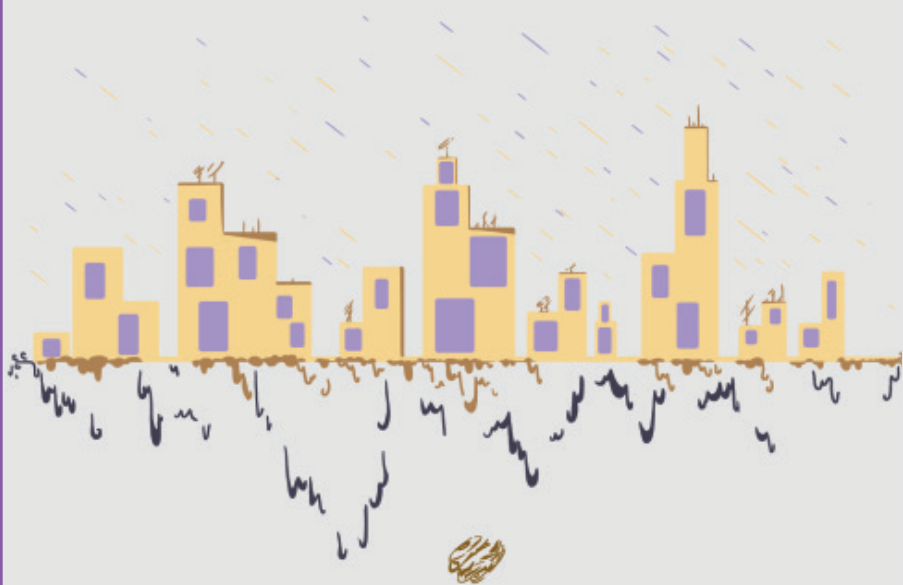
Do outro lado da rua ainda há o que catar. Os carros passam, como se o carro de trás quisesse amassar a carroceria do carro a frente. Pés tocam o asfalto. Buzinas e som de borracha vibram o plástico preto e o alumínio. Eles avançam um pouco, algumas patas. O semáforo pisca somente uma

---

<sup>48</sup> Arthur de Moura Dantas, 19 anos, morador da região do Jardim Ângela, periferia da cidade de São Paulo, estudante de Administração Pública e bolsista na Fundação Getúlio Vargas.

única cor, e as buzinas silenciam a ancestral respiração ofegante. Mais algumas patas. O escapamento de uma moto estoura. O animal olha assustado, seu coração bate ao ritmo dos motores, mas ele se mantém firme. Avançam mais um pouco. Deve haver o que catar do outro lado.

Esperneiam os motoristas, perguntando se a besta é um suicida. Mesmo que assim fosse, sua vida dependeria dessa natureza suicida. Filósofos motorizados se questionam se o cão leu Hesse, e se o animal não deveria deixar de vagabundagem. O ritual finda e a avenida retorna a sua cacofonia. Tornado humano outra vez, um senhor começa a catar latinhas na beira da avenida e o cão deita-se ao seu lado.







# Solidão

Wéverton Rodrigues Silva<sup>49</sup>

Repetia tanto para si mesmo desejar ser dono da própria vida, organizar as coisas em sua casa como bem entendesse, escolher comer doce de leite na hora do almoço, não ter hora para dormir, ouvir música nas alturas... Esperara há muito pela tão sonhada vida adulta, que haveria de chegar mais cedo ou mais tarde, era fato. A urgência adolescente com que pedia para que o tempo passasse depressa... E eis que, em um dia como qualquer outro, chegou a hora. O abraço de despedida na mãe, o beijo ao colo da bochecha do pai, o cafuné na cabeça da irmã mais nova. Viu-se, então, absolutamente só. E viu também que tudo era diferente do que cogitava lá atrás, quando era apenas uma simples criança que sonhava. E, por assim dizer, não soube lidar. A sensação sufocante no peito que lhe fazia

---

<sup>49</sup> Wéverton Rodrigues Silva, 25 anos, graduando em Letras. Fez parte da antologia *A Destração de Pirlampos*, organizada pelo professor Nilson Pereira, da UFAPE, com o poema *Poema Ateu*.

acreditar que nunca mais voltaria a ouvir uma voz humana sequer novamente, fosse ela para fazer uma cobrança cotidiana, qualquer coisa de banal, como sua mãe sempre fizera naqueles incontáveis dias em dividiram um teto, quem se importava. Em voz altiva, berrou que já estava ficando louco. De súbito estampido. Precisava fazê-lo. Foi quando o outro de si, no espelho um pouco ao longe, gritou, em retorno, “fale por si só”. Levantou-se, aproximou-se da superfície refletida, fitou a figura nos olhos, embasbacado, a fim de confirmar que aquele outro, que lhe era tão, mas tão semelhante, havia respondido ao seu pedido de socorro. Mas só pôde mesmo sentir-se aterrorizado com o complemento inesperado da resposta: “tem alguém aqui, além de nós dois, que não devia nos ouvir?”.

# Sozinha

*Thiago José Silva Batista*<sup>50</sup>

Domingo eu fui na roça visitar meu velho sítio. Achei meu diário velho, amarelado, mas legível.

Segunda eu comprei um vestido azul e uma fita cetim amarela. Quando cheguei em casa li no diário: “...ganhei um vestido lindo e uma fita amarelada!” Fazia 70 anos que escrevi, que coincidência bizarra.

“Esta terça quase me acidentei”. Estava escrito no diário. Precisava ir ao mercado, não fui, e ele foi assaltado.

Chamei a família para almoçar no sábado pois a previsão do final de semana era: rodeada por festa e amados.

“Quarta encontrei meus amigos”. Confiei nas páginas e sai de casa, fui caminhar e passando pela floricultura escuto:

---

<sup>50</sup> Thiago José Silva Batista, nasceu em Itajubá dia 12/06/2007, mas atualmente mora em Pedralva e está no 2º ano do Ensino Médio. Apaixonado por ficção, cinema e folclore, tem gosto por literatura e português.

— Maria das Dores! Que bom te ver  
“pros” lados de cá!

— Marcelo! Nem reconheci! Velho  
do jeito que tá!

Risada atrás de risada logo chegou  
companhia: Amanda e Fátima, farinhas  
velhas do mesmo saco.

— Vamos fazer um bingo amanhã,  
aparece por lá!

— Claro, claro eu vou! — Aceitei  
prontamente, fazia tempo que sorri tanto e  
vi tanta boa gente.

Além de que não sou boba, já havia  
lido a página de quinta: “Hoje eu fui  
premiada.”

Quinta fui ao bingo e na 4º rodada  
ganhei um vinho, joguei mais um pouco e  
me despedi dos cabeças brancas.

— Foi bom vê-los de novo! — E  
então feliz, fui embora.

Sexta eu fui às compras: comprei  
frango, arroz e mais. Os avisei que já havia  
comprado a comida, uns tiveram que  
desmarcar, mas não tem problema, vai vir  
gente ainda.

Sábado a mesa estava farta, mas as cadeiras vazias. A única festa acontecia na casa da vizinha, e eu sozinha.

Domingo eu estava linda, vestida de azul e fita amarela rodeada por meus amados e flores copos de leite. Domingo, 09/04, o último dia do meu diário.



# Sussurros de Dor

*Lucas Caixeta Generoso*<sup>51</sup>

Ao abrir seus olhos, tudo que viu foi a escuridão. A sensação de constante queda persistiu, até que, sem qualquer impacto, pousou. Já em terra firme, se assim podia falar, as cores foram surgindo e o mundo ao seu redor tomando sentido. Surreal, ele pensou.

Uma longa estrada de blocos de ouro estendia-se por entre árvores de frutos distintos até um grande portão guardado por guardas armados com longas espadas flamejantes cruzadas.

Por entre as densas nuvens que formavam sob seus pés, caminhou até o protetor que, quanto mais se aproximava, mais inimaginável parecia. Longas asas pontudas, seis ao todo, cobriam todo o seu corpo. Luz irradiava de suas peles expostas.

---

<sup>51</sup> Lucas Caixeta Generoso nasceu em Machado, em 2003, e tem 19 anos. Graduou-se pelo IFSULDEMINAS no curso Técnico em Informática integrado ao Ensino Médio. Atualmente, cursa Sistemas de Informação na mesma instituição.

Chegando frente ao portão, uma voz grave e aveludada saiu da boca de um dos seres que ali estavam.

“Retorne para sua origem. Sua genitora o chama e espera por sua volta.”

Estendeu seu braço para uma das árvores ali e recolheu um fruto. Entregando ao visitante, completou:

“Coma e viverá.”

Levando-o à boca, fechou os olhos e, ao abri-los novamente, tudo que viu foi a escuridão. Caiu constantemente até que as cores foram novamente se formando ao seu redor e ele parou de cair.

Estava em uma cama, cercado por paredes brancas e opacas. Ao seu lado, sua mãe de joelhos. Tudo que era capaz de ouvir era o sussurro vindo da boca da mulher e os bips ritmados da máquina de batimentos cardíacos.



# Susurros

*Carlos Andrés Rodríguez González*<sup>52</sup>

A menudo el doctor nos prohíbe a los enfermeros usar repelente contra los mosquitos, y mientras está en el quirófano, operando a corazón abierto, siempre cuenta esto para bajar el nerviosismo y la tensión por la cirugía perfecta: “Esa noche estudié sin descanso para el examen final de Anatomía, y solo tenía media hora para dormir un poco. Por tanto, cerré el libro en el capítulo sobre el riñón, y me fui a dormir”.

“Acostado sobre mi cama, oí un zzzzz, zzzzzz, zzzzz, muy cercano a mi oído, y de forma instintiva estiré la sábana para cubrir la cabeza. Entre dormido y despierto, seguía repasando el examen, e intenté ignorar al zancudo.

---

<sup>52</sup> Carlos Andrés Rodríguez González: escritor (Cali, Colombia, 1981). Doctor en Estudios Hispánicos de la Universidad de Texas A&M. Profesor de literatura, escritura y arte en las Universidades de Icesi y Javeriana.

“Pero el *zzzzz, zzzzzz, zzzz* paseaba alrededor de mi cuello, su sonido se hacía agudo, y estrepitoso, y me pareció escuchar que desde el zumbido se desprendían sonidos de palabras y frases: “estudia vesícula biliar”, “nada del corazón”, “cerebelo y tallo cerebral”, “no el pulmón”. Yo fingía estar dormido cuando sentí al zancudo posado sobre el hombro, con la mano contraria, pegué el más grande manotazo jamás dado sobre mi cuerpo, ¡auch que dolor! cesó el zumbido parlanchín”.

“El día que salió el resultado del examen final, descubrí que lo perdí, las preguntas relacionadas con cerebro fueron las que más me bajaron puntos, lo mismo con las de vesícula biliar. Consecuencia fatal, perdí Anatomía”.

“Desde entonces, escucho con cuidado a los zancudos, sus sonidos tienen palabras entrecortadas, la noche anterior escuché esto”:

— ¿Están conmigo, cierto?

— *zzzzz, zzzzzz, zzzz.*

— Háblenme, por favor.

— *zzzzz, zzzzzz, zzzz.*

Ahora, ustedes — el doctor nos preguntaba a todos en cirugía y nos ponía a participar de su historia — válvula mitral con esclerosis, ¿qué debemos hacer?

Nos mirábamos, ya sabíamos lo que teníamos que responder, y en coro decíamos “ZZZZZZZ”.



# *Tintineo al Amanecer*

*Clara Gonorowsky*<sup>53</sup>

A las seis de la mañana un tintineo agudo me despertó.

— Estoy soñando —, me dije, pero a los pocos segundos, el mismo se repitió. Me tapé hasta la cabeza y esperé.

Al rato sentí que Víctor se levantaba, golpeaba puertas y ventanas.

Asustada le pregunté qué pasaba y me comentó que un pichoncito de colibrí estaba acurrucado en el escritorio y lo sacó.

Empezó así a girar sobre mi cabeza situaciones que escapaban a toda lógica.

Días atrás elaboré un boletín para el barrio y en una nota incluí la historia de los colibrís y fotografiamos un nido que había en el patio de un vecino.

Cuando Víctor reveló la toma, se dio con que dentro del nido había dos huevitos. Inmediatamente compartió el hallazgo con el

---

<sup>53</sup> Clara Gonorowsky es de nacionalidad argentina, nacida el 05/07/1949, y actualmente reside en Mendiolaza, Córdoba.

dueño, quien a la noche me habló ofuscado preguntándome qué había con ellos pues habían desaparecido.

Respondí con enojo y ofendida pues nunca se me hubiera ocurrido tocarlos.

Una semana atrás cuando Víctor quiso tomar una foto, el diafragma no se podía abrir, parecía trabado con algo. Insistió, pero no hubo manera, algo lo apretaba con fuerza.

La presencia del pichón en el escritorio me produjo extrañeza, más aún cuando mantenemos la casa herméticamente cerrada. Le solicité a Víctor que probara la cámara y ésta respondió perfectamente, nos miramos con curiosidad.

Otro hecho extraño es que el pequeño colibrí hizo sonar la campanita que cuelga junto al retrato de mis padres muertos, danzó delante de ellos y voló a la libertad.

A partir de entonces muchos interrogantes dan vuelta en mi cabeza, pero mi corazón me dicta que ellos me visitaron a través de esta ave que real o imaginaria, nacida en su nido o en la lente de la cámara, llenó de sonidos la madrugada.

# Veredicto

Ronaldo Dória dos Santos Júnior<sup>54</sup>

Fazia uma manhã fria e chuvosa. O vento forte entortou o frágil metal do guarda-chuva, dava vergonha de empunhar aquela capenga proteção. Jogou-o na primeira lata de lixo que encontrou, de modo que chegou ao centro médico inteiramente molhado, mas conseguiu proteger com algum sucesso a sacola com os inúmeros exames que trazia. Pegou a senha: 237. O letreiro luminoso piscava anunciando a chamada do número 198.

Em pouco tempo, o local ficou lotado. Sua senha foi chamada, ele foi até o guichê com os documentos, fez a ficha e depois ficou aguardando em frente ao consultório número 2. Olhava ao redor e tentava imaginar de que mal toda aquela gente padecia. Uma criança corria de um lado para o outro, esbarrava nas

---

<sup>54</sup> Ronaldo Dória dos Santos Júnior é carioca, nascido em 1985. Formado em Letras pela UERJ. Autor do livro de contos *As mãos da professora de literatura portuguesa*, obra vencedora do prêmio Uirapuru 2021.

pessoas, mexia nas coisas dos outros. Seguia indiferente aos apelos da mãe, uma mulher jovem, mas carcomida pelos rigores da vida.

O médico começara a atender bem cedo. Era daqueles que, apesar dos longos anos de ofício e da bruta rotina, não se deixavam abater. Muitos o admiravam, e não se importavam de esperar o tempo que fosse necessário pela oportunidade de se consultarem com ele. Entre essas pessoas está o homem molhado e acabrunhado que acaba de despertar de seus devaneios. Seu nome finalmente foi chamado.

“Licença, doutor”, diz ele, ao entrar. O médico logo associa o nome à figura que entra e se senta. É um paciente antigo. Está esperançoso, bem se vê em seu rosto o aguardo de uma notícia boa, ansiosamente desejada. Ele estende os exames, que são conferidos minuciosamente. Chega então o momento difícil e delicado de quebrar expectativas, de dizer o que não se quer ouvir. O momento das notícias ruins. “Sinto muito”, o médico consegue dizer. “Você ainda viverá bastante”.



# *Vida de Cobra*

*Lucas Rosa da Silva*<sup>55</sup>

Morava sozinho numa tapera velha dos arredores pombalenses, sem família alguma. **Cassiano Oliveira Barbosa Ramalho de Andrade**, vulgo João Gaudêncio. Costume esse que o paraibano tem de pôr nome nos outros. Na maior miséria, Gaudêncio vivia sem base alguma que o sustentasse. Um velho preguiçoso, que nunca trabalhou. Verbo este que nunca fez parte de seu vocabulário. Só de pensar em fazê-lo, bocejava. Passava o dia inteiro encostado no tronco dum juazeiro riscando o chão com um galho. No Domingo do Rosário, ia João Gaudêncio, o senhor mandrana, levado pelos seus vizinhos numa rede de saco. Enterrá-lo-iam em cova rasa. Vivo? Mesmo vivo! O motivo que se arranjou

---

<sup>55</sup> Lucas Rosa da Silva nasceu em Pombal-PB em 03 de junho de 2003. Atualmente, é estudante de Letras - Língua Portuguesa (UFCG) e Relações Internacionais (Uninter). Atua como professor de Língua Espanhola, Arte e Redação na EEEFM Arruda Câmara.

foi a preguiça do velho. Vivia de reza; não tinha fome, nem sede. O pote que ficava ao pé da porta era seco rachado. Não comia, nem se banhava, dizia ser trabalho demais pra se fazer. Altiva, uma senhora piedosa, lhe oferece um saco de fava durante o cortejo:

— Está cozida? Pergunta o madraço.

— Não.

— Então, toca o enterro pra frente.

Fechada a asa da rede, levaram o mandrião até a cova. Chegaram. Abriram a rede e procuraram o calaceiro; o homem se virou em cobra.

— És tu, Gaudêncio?

— É, sim sinhô! Não me enterrem, não. Lembrei que vou ter de cavar, e só de pensar, já fico cansado. Bom mesmo é ser cobra, que pra dormir, nem precisa se deitar. Viver à altura do chão é privilégio pra quem depende do empréstimo da bondade alheia.

VARIACÕES  
DE FORMA  
E TEMA



# *Estrategia de Supervivencia*

*Carlos Horacio Jiménez Barrero*<sup>56</sup>

Nunca le avisaba de mi llegada y mis cortas ausencias ni siquiera le molestaban. Cuando regresaba jamás le preguntaba en qué ocupaba su tiempo libre, tampoco tuve que lidiar con las preocupaciones de su seguridad, podía cuidarse por sí misma, y tenía comida suficiente hasta que yo llegara. Por otra parte, ninguna vez le noté una conducta irritada al llegar ni un reclamo por llegar tan tarde.

Cuando la vi, se reacomodó en el sillón y me acompañó a lo lejos; habíamos derrotado juntos a la soledad, teníamos un cálculo tácito del momento y las circunstancias de cuándo podíamos vernos y eso no nos molestaba.

El atún en salsa era su plato preferido: tenía la cualidad de ser aromático y balanceado.

---

<sup>56</sup> Carlos Horacio Jiménez Barrero nació el 16 de marzo de 1960. Se graduó en Administración Pública en la ESAP y es especialista en Gestión Pública.

Su inigualable textura, húmeda y blanda, desplegaba un poderoso atractivo al paladar.

Luego de comer se dirigió a la ventana; había un ambiente tibio, ideal para contemplar las novedades desde la cornisa.

Me tenía atrapado como una presa, como una sombra fresca detenida en el piso, ya no podía volver; sentí temor de ser el blanco de su corto hechizo.

Levantó su cuerpo para sentarse a mi lado; en aquel momento, pensé que me había cazado desde hace ya miles de años.

# *Layah's Butterflies*

*Stacy Singh*<sup>57</sup>

Ever since Layah went off to college I felt a sense of loneliness. The house was devoid of her infectious laughter but what I missed most of all was us having a hot cup of coffee under our gazebo, surrounded by wildflowers while the butterflies and bees buzzed around. None of the two of us had a green thumb so we purchased and scattered some wildflower seeds around and after the April rains the most beautiful disorganized garden flourished around the gazebo. We would spend hours there with the coffee pot filled and meaningless conversation. Well, it meant something to me; I devoured every second we sat there because I knew in a few weeks she would be gone. She would be gone

---

<sup>57</sup> Stacy Singh: I was born in Bridgetown, Barbados, and currently reside in the south of the island. After graduating high school, I earned a BSc in Public Sector Management, followed by an MBA in Management. Writing is my passion — it's a hobby, it's my life.

to start a new adventure in life. I had prepared her for this moment, I am to blame but each day while I delighted in her independence I also mourned for the little girl that I was losing.

So here I was standing in the gazebo with the coffee pot. I did not feel like drinking any today. I have felt this way since she left two months ago. She called every day but it was not the same as being able to reach over and touch her curly hair or refill her mug. There was no rain for months long before she left and the wildflowers had dried up. I decided last Tuesday to bring the hose around and wet it. I felt it was in vain, too late. As I turned to take the pot inside my eye caught sight of a flicker of something at the back of the gazebo. I turned to walk to the back and in the shade of the bay leaf tree, sure enough, were some of the wild marigolds, dancing with their yellow and sienna frocks. Out from among them floated several butterflies, they circled the pot in my hand and returned to the marigolds. I began to cry. I don't know why I did. It was not of sadness strange enough but it was of a strange delight; like if Layah



was right here with me and the butterflies and marigolds wanted me to know that everything will be alright.



# © *poder secreto do* *Gato de Cheshire*

*Carlos Brunno Silva Barbosa*<sup>58</sup>

Releio todas as páginas de *Alice no País das Maravilhas*, mas não encontro o poder secreto do Gato de Cheshire que eu tanto procurava: se ele não pode tomar forma humana, por que, na rodoviária, me sorriu aquela criança estranha quando eu mais precisava?

---

<sup>58</sup> Carlos Brunno Silva Barbosa, Barra do Pirai/RJ, 07/05/1979, graduado em Letras, é professor público municipal em Teresópolis/RJ e criador de conteúdos no nicho literatura em plataformas digitais.



# *Você já ouviu o vento antes?*

*Mateus Ferreira Lopes*<sup>59</sup>

Ele se surpreendeu e fez essa pergunta diversas vezes em sua vida. Em momentos diferentes e em situações diferentes. Sentiu que nem todos eram capazes de realmente conseguir ouvir o vento. Nem todos são capazes de sentir a sua materialização. Hoje caminhou sozinho em meio à natureza. Conversou com as folhas e com o vento. Pôde senti-lo. Caminhou um pouco mais em meio à terra, sentindo um pouco do sol que queimava a sua pele. Deixou que algumas vozes internas se calassem. Permitiu-se sentir um pouco daquela minha inocência de infância. Ouvindo não só o barulho do vento, das folhas e da água que passava em um riacho ali próximo. Parou um momento, em

---

<sup>59</sup> Mateus Ferreira Lopes nasceu em Viçosa, Minas Gerais, no dia 04 de dezembro de 1998 e atualmente é estudante de Odontologia na Universidade Federal de Alfenas.

meio ao sol quente de fevereiro, para ouvir o canto dos pássaros. E um específico chamou-lhe a atenção pela sua forma singular. Um pássaro lindo, completamente azul. De canto doce. Destemido, ele cantava enchendo-se de ar. Cantava sozinho em uma árvore completamente seca e retorcida. Por um momento, por um colapso, parece que esse pássaro havia contado todos os mistérios antes não revelados à sua alma. Por um momento ele era o pássaro. O seu desejo mais profundo. Por um momento ele sentiu que esse pássaro azul não era apenas um pássaro. Ele era a materialização de algo transcendente, que naquele momento o abraçou. Olhou nos fundos dos olhos, transpassou a sua alma, acolheu-o com suas penas. Covarde e com muito medo, ele correu. Correu para longe daquele ser, daquela pureza. Caiu em choro, como se fazendo isso tivesse abandonado a sua melhor parte, a parte sensível, pura e ingênua, a magia na coragem de amar. Todos os dias desde então, revoltou-se por isso, mas nunca mais sentiu o pássaro azul.







# *Palavras Finais*

*Bruna Aparecida Dias*

*Lohayne Helena Vieira*

*Luís Otávio Paes*

Alice, personagem de *Alice no País das Maravilhas*, do autor Lewis Carroll, não achou corriqueiro deparar-se com um coelho e, ao persegui-lo, encontrou-se em um mundo maravilhoso. Este mundo refletia o mundo real; porém, seus personagens e ambiente refletiam como as coisas eram em sua essência, em suas mais diversas faces do imaginário, tal como o mundo que nos permeia.

Transformar em arte momentos que se opõem às tradições e costumes e até mesmo à ordem natural das coisas não implica dizer o que é certo e como as coisas são, mas sim oferecer uma perspectiva do mundo e de nós mesmos. A arte de falar da magia, do maravilhoso e do mágico traz luz a uma caricatura e metáforas de um mundo ideal; dessa forma, os contos presentes neste livro

contribuem para um olhar inovador sobre a vida cotidiana.

Enquanto as palavras fortalecem conceitos, as ilustrações presentes no livro despertam, em sua subjetividade, uma representação sensitiva desses conceitos. Nós, leitores e leitoras, ficamos emocionados, tocados e fascinados pela magia das palavras. As ilustrações, por sua vez, convidam-nos a explorar uma nova perspectiva na interpretação dos diversos temas. Ao utilizar a sinergia entre palavra e imagem, este livro busca conferir um tom de surpresa e espanto aos eventos mais simples do cotidiano.

O processo de produção do livro não se iniciou na seleção dos maravilhosos textos recebidos. A princípio, a fim de instigar a participação, foram ministrados, pelos petianos, minicursos que tangiam a temática e o gênero literário. Os minicursos foram ofertados na UNIFAL-MG e em duas escolas do município de Alfenas. Foi possível observar, a partir das produções, como a utilização metafórica contribui para que pessoas transmitam seus sentimentos e realidades

com maior facilidade por meio da literatura. Como resultado, obtivemos a participação de alunos que, antes dos minicursos, não tinham sequer ideia do que era o gênero microcontos. Foi possível também observar a confiança em ser criativo e colocar-se no papel emergindo em cada um de nossos colaboradores.

É de suma importância a contribuição emergente da comunidade externa para as produções do PET Letras, visto que, podemos assim atribuir múltiplas visões em nossa antologia. É importante também, para os petianos, o contato tanto com a produção literária, quanto com o processo elaborativo do livro, que, assim como citado, conta desde a produção do edital, divulgação, inclusão da comunidade, edição, até o lançamento.

Em suma, o PET Letras expressa profunda gratidão pela realização de mais um concurso literário que resultou em um livro com excelentes publicações que aludem à profundidade do ser humano, ao mágico e ao maravilhoso. Este foi o resultado do árduo trabalho da equipe e da inspiração dos autores que compartilharam um pedaço de si

mesmos ao deixar fluir o íntimo e mágico de suas experiências cotidianas. Em sintonia com isso, este livro é um convite a uma jornada pelo mundo oculto aos olhos de muitos, mas perceptível aos sensíveis, onde cada página revela um universo de sentimentos e reflexões.

*"Aqueles que sonham acordados têm consciência de mil coisas que escapam aos que apenas sonham adormecidos."*

— *Edgar Allan Poe*





# *Sobre os Petianos*

**Ana Clara Santos Rodrigues** é natural de Machado-MG, estudante de Letras - Línguas Estrangeiras na Universidade Federal de Alfenas (UNIFAL-MG) e integrante do PET Letras desde maio de 2023.

**Barbara Rodrigues Prado** é natural de Poço Fundo-MG, graduada em Letras - Português e Literaturas da Língua Portuguesa pela Universidade Federal de Alfenas (UNIFAL-MG) e foi integrante do PET Letras de novembro de 2021 a janeiro de 2024.

**Beatriz Ferreira Soares** é natural de Cambuí-MG, estudante de Letras - Línguas Estrangeiras na Universidade Federal de Alfenas (UNIFAL-MG) e integrante do PET Letras desde maio de 2023.

**Bruna Aparecida Dias Oliveira** é natural de Tapiratiba-SP, estudante de Letras - Português e Literaturas da Língua

Portuguesa na Universidade Federal de Alfenas (UNIFAL-MG) e integrante do PET Letras desde de julho de 2022.

**Emily Souza de Siqueira** é natural de São Paulo-SP, estudante de Letras - Línguas Estrangeiras na Universidade Federal de Alfenas (UNIFAL-MG) e foi integrante do PET Letras de outubro de 2021 a fevereiro de 2024.

**Júlia Brazuna de Souza** é natural de Campinas-SP, estudante de Letras - Línguas Estrangeiras na Universidade Federal de Alfenas (UNIFAL-MG) e integrante do PET Letras desde maio de 2023.

**Lohayne Helena Vieira dos Santos** é natural de Pouso Alegre-MG, estudante de Letras - Português e Literaturas da Língua Portuguesa na Universidade Federal de Alfenas (UNIFAL-MG) e integrante do PET Letras desde abril de 2022.

**Luara Ordine Rodrigues Dattola** é natural de Itanhandú-MG, estudante de Letras - Línguas Estrangeiras na Universidade Federal de Alfenas (UNIFAL-MG) e foi



integrante do PET Letras de maio de 2023 a fevereiro de 2024.

**Luís Otávio Paes Oliveira** é natural de Campestre-MG, estudante de Letras - Línguas Estrangeiras na Universidade Federal de Alfenas (UNIFAL-MG) e integrante do PET Letras desde julho de 2022.

**Maisanara Fonseca da Silva** é natural de Alfenas-MG, estudante de Letras - Língua Portuguesa na Universidade Federal de Alfenas (UNIFAL-MG) e integrante do PET Letras desde maio de 2023.

**Nívea Rufino de Oliveira** é natural do Rio de Janeiro-RJ, estudante de Letras - Línguas Estrangeiras na Universidade Federal de Alfenas (UNIFAL-MG) e foi integrante do PET Letras de dezembro de 2020 a março de 2024.

**Paulo Ricardo Passos Rezende** é natural de Juruiaia-MG, estudante de Letras - Línguas Estrangeiras na Universidade Federal de Alfenas (UNIFAL-MG) e integrante do PET Letras desde maio de 2023.

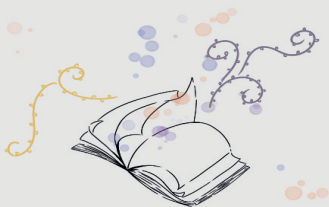
**Yasmin Lima Rosa Fernandes Duca**

é natural de Alfenas-MG, estudante de Letras - Línguas Estrangeiras na Universidade Federal de Alfenas (UNIFAL-MG) e foi integrante do PET Letras de fevereiro de 2022 a abril de 2024.

## *Sobre a Tutora*

**Katia Aparecida da Silva Oliveira** é professora de Literaturas da Espanha na Universidade Federal de Alfenas (UNIFAL-MG) desde 2010. É doutora (UNESP-Assis, 2016) e mestra em Letras (USP, 2008), graduada em Letras com habilitação em Espanhol e em Português (USP, 2005). Atua também como docente no Mestrado Profissional em História Ibérica da UNIFAL-MG e é editora da Revista (Entre Parênteses) desde 2016. Desenvolve pesquisas relacionadas às Literaturas da Espanha, com foco especial em dois temas: história, memória e literatura; e literatura de autoria feminina. É tutora do PET Letras desde 2017.

Esta obra foi produzida  
durante o outono de 2024.



Você já se deparou com alguma situação em que depois pensou: "Como isso pode ter acontecido?"

Mas, como aconteceu com Alice no País das Maravilhas, tudo parecia tão real que, ao acordar, você não saberia distinguir se foi um sonho, uma ilusão ou realidade.

Nós o convidamos a embarcar nesta aventura e explorar conosco as histórias mais mágicas!

